



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM – IEL

DIEUMETTRE JEAN

**Donos do Orvalho de Jacques Roumain: Um projeto social para o Haiti Pós-
terremoto**

Campinas/SP

2015

DIEUMETTRE JEAN

Donos do Orvalho de Jacques Roumain: Um projeto social para o Haiti Pós-terremoto

Orientador: Prof. Dr.: FABIO AKCELRUD DURÃO

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Português.

Campinas/SP

2015

Dedico este trabalho ...

A minha mãe Isemène ARÉLUS e meu pai (falecido) Lebon JEAN

pelo amor e que me mostraram a direção correta e
me ensinaram a ser sempre positivo;

A meu irmão gêmeo Dieufort JEAN pelo apoio incondicional;

A toda minha família: irmãos, irmãs, tios, tias, primos, primas, sobrinhos e
sobrinhas pelo amor, motivação incondicional.

A minha cara Milouse JEAN pelo amor, carinho, motivações..

AGRADECIMENTOS:

À Unicamp, que aceitou receber universitários haitianos, dando-lhes possibilidades de se formarem depois do terremoto catastrófico que aboliu o Haiti em janeiro de 2010;

A CAPES, pelo apoio financeiro dado ao longo dos meus estudos aqui na Unicamp;

Ao meu orientador prof. Dr. Fabio Akcelrud Durão, pelas orientações, comentários e sugestões ao longo da execução deste trabalho de pesquisa;

Aos orientados de Fabio Durão pelos comentários e sugestões, especialmente Tiago Donoso, Emiliano César Almeida, Lucas Lopes;

A minha mãe, Isemène, que investiu toda sua energia em fazer-me o que eu sou hoje;

Ao meu pai, Lebon Jean, embora partisse para o mundo de além;

Aos meus colegas-amigos Frantz Rousseau Deus e Francky Altinéus, pelo apoio em diferentes etapas do trabalho;

A todos meus colegas haitianos da Unicamp especialmente: Berno, Chandeline, Delva, Sudly, Wesner, ... e todos aqueles com quem tive a oportunidade de conviver e conhecer dentro do programa PRÓ-HAITI ;

A toda comunidade da Unicamp particularmente o Instituto de Estudos da Linguagem que me deu a oportunidade de ampliar o meu conhecimento acadêmico;

Aos meus irmãos e irmãs pelo amor, confiança e apoio incondicionado;

A Sabrina Heloisa Bueno dos Santos pelo amor, carinhos motivações...

Por fim, obrigado a todos aqueles que fazem parte da minha trajetória acadêmica no Brasil: os diferentes professores e alunos do Instituto de Estudos da Linguagem com quem tive a oportunidade de ter aula e conhecer.

Resumo

Nascido em 1804, a partir de uma revolta dos escravos, o Haiti se tornou o primeiro país independente na América depois dos Estados Unidos independentes em 1776. Tornando objeto de grandes ameaças pelas potências escravagistas da época, os homens da nova república não faltaram momentos nenhuns em defender sua pátria. Assim, na perspectiva da formação da nova nação a literatura haitiana teve que assumir uma dupla função apologética e construtiva: de um lado, justificar aos olhos de estrangeiros a emergência de um Estado de antigos escravizados e, do outro lado, elaborar uma consciência nacional. Com efeito, as produções literárias haitianas foram fundamentais tanto na consolidação da independência entre 1804 a 1836 quanto na luta contra a ocupação estadunidense (1915-1934). Dessa forma, o presente trabalho de pesquisa concentra-se, através de uma pesquisa bibliográfica, em investigar a forma como a literatura haitiana pode contribuir na (re)construção do Haiti pós-terremoto. Pois, após o terremoto que assolou o país, reduzindo a escombros importantes infraestruturas, o papel da literatura tem se mostrado cada vez mais questionável. Entre as objeções está a importância do financiamento dos estudos literários, já que há uma tendência visando menosprezar a utilidade das produções literárias na estrutura social - algo que não data de hoje. Considerando-se o papel da literatura na história do país, e concentrando na análise do romance *Donos do Orvalho* de Jacques Romain (1907-1944), esta pesquisa demonstra como as produções literárias ou outras produções artísticas podem se revelar importante na compreensão e na transformação da situação do Haiti pós-terremoto.

Palavras chaves: literatura haitiana, *Donos do orvalho*, produções literárias, projeto social, Haiti pós-terremoto 2010.

Abstract

Born in 1804 from a slave revolt, Haiti had become the first independent country in the Americas after the United States, independent in 1776. Making subject of big threats by the slave powers of that period, the men of the new republic had defended their homeland all the time. Thus, in the perspective of the formation of the new nation, the Haitian literature had to play double apologetic and constructive functions: on one side, justify for the foreigners the emergence of a state of a former slave country and, the other side, elaborate a national consciousness. Indeed, the Haitian literature productions were fundamentals both in the consolidation of the independence from 1804 to 1836 and in the fight against the US occupation (1915-1934). Thus, this research work focuses, through a solid Bibliography, on investigating how the Haitian literature can contribute to the (re) construction of Haiti after its earthquake. Because, after the earthquake that devastated the country, reducing the important infrastructures into rubbles, the role of the literature has proved increasingly questionable. Among the objections is the importance of financing the literary studies, as there is a tendency aimed to undermine the usefulness of the literary productions in the social structure of Haiti, something other than today's date. Considering the role of the literature in the history of the country, focusing on the analysis of the novel "*Donos do Orvalho*" of Jacques Romain (1907-1944), this research propose to demonstrate how the literary productions and other artistic productions may prove to be important in the understanding and the transformation of the post-earthquake situation in Haiti.

Key words: Haitian literature, Masters of the Dew, literary productions, social project, Haiti post-earthquake 2010.

Rezime

Endepandan an 1804 aprè esklav yo te revòlte, Ayiti te tounen premye peyi endepandan nan Amerik la dèyè Etazini d Amerik ki te pran endepans li an 1776. Endepandans sa a te lakoz ke nouvèl nasyon sa a te soufri anpil menas nan men gwo potantan ekonomik nan epòk la ki te gen esklav lakay yo; men sitwayen nouvèl nasyon an pat rate okenn akosyon pou defann patri yo. Konsa, nan lojik pou defann patri a, literati ayisyèn te bay tèt li yon doub fonksyon apolojetik e konstriktiv: jistifye pou etranje yo emèjans yon nouvo Eta ki konpoze ak Ansyen esklavize epi elabore yon konsyans nasyonal. Se konsa, prodiksyon literè Ayisyèn yo te fondamantal ni nan konsolidasyon endepandans peyi a ant 1804 a 1836 ni nan lit kont okipasyon amerikèn lan ant 1915-1934. Nan sans sa, travay rechèch sa konsantre l, atravè yon rechèch bibliyografik, pandan nap chache konprann nan ki sans literati ayisyèn kapab kontribye nan rekonstriksyon peyi Ayiti pòs-tranbleman de tè 2010 la. Paskè aprè tranbleman de tè sa fin kraze Ayiti, kote tout enfrastrikti payi a redwi an dekonb, wòl literati a vin tounen plis kesyonab. Nan pakèt objeksyon yo, nou jwenn enpòtans de finansman etid literè yo, deja genyen tandans ki vize meprize itilite prodiksyon literè yon nan estrikti sosyal la – yon tandans ki la depi lontan. Pandan nou konsidere wòl literati a nan istwa peyi a, epi pandan nou fokalize etid nou an sou roman Mèt Larouze de Jak Woumen (1907-1944), rechèch sa a desmotre kijan pwodiksyon literè yo ak lòt pwodiksyon atistik yo kapab tounen enpòtan nan konpreyansyon epi nan transfòmasyon sityasyon d Ayiti pòs-tranbleman de tè a.

Mo kle: Mèt larouze, prodiksyon literè, projè sosyal, Ayiti pos-tranbleman de tè 2010.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo I- Os grandes momentos da literatura haitiana de sua origem a 1957. ...	111
1. Haiti: De Hispaniola a Santo Domingo e de Santo Domingo a Haiti.....	111
2. O surgimento da literatura do Haiti	15
2.1. O florescimento da literatura haitiana.....	19
3. Os pioneiros da literatura haitiana.....	19
3.1. Breve consideração das produções literárias do Haiti de 1860 a 1915.....	233
3.2. A literatura haitiana durante a ocupação estadunidense.	26
4. Caráter geral das produções literárias do Haiti de 1804 a 1957.....	28
Capítulo II: Donos do orvalho: um projeto social para sempre.	31
1.1. Situação inicial do romance: O Grito de um povo em agonia	33
2. A produção e a reprodução do mal-estar e da miséria no Haiti.....	386
3. A dimensão transcendental do protagonista da narrativa.	45
4. Configuração da identidade social dos personagens em Donos do Orvalho.....	51
5. Donos do orvalho: um projeto social de sempre.	544
 À guisa de conclusão: Uma urgente necessidade de democratizar a cultura literária no Haiti.	 556
 Referência Bibliográfica	 59

Introdução

A ideia de estudar relações entre produções literárias e sociedade surgiu logo depois do terremoto do janeiro de 2010 que devastou o Haiti, reduzindo em escombros a maior parte das infraestruturas do país. Ingressando em curso de Lettres Modernes à Universidade de Estado do Haiti, em 2009, os meus estudos foram interrompidos em janeiro de 2010 por causa da escola onde estudava que foi completamente destruída, em que alunos, professores, funcionários foram mortos. Voltando às aulas sob os abrigos provisórios, cinco meses após a catástrofe, meu professor de Filosofia Estética indagou a seguinte questão à turma: “O que vocês, de Letras Modernas, vêm buscar aqui? As pessoas, que eu conheci, que escrevem romances, contos, poesias nunca estudaram Letras. Então, para que vocês acham necessário estudar Letras”? Como esse professor foi da área de filosofia, lhe respondi, dizendo que outra pessoa poderia dizer o mesmo sobre a filosofia. Ele replicou, dizendo que não queria fazer uma comparação entre a finalidade da literatura e a da filosofia, mas queria provocar-nos de Letras Modernas e de Estudos Literários a refletir sobre: qual é o papel social da literatura. Justamente este meu trabalho de conclusão de curso se inscreve na perspectiva de trazer elementos de respostas ao questionamento do meu antigo professor.

Em primeiro lugar, não é um princípio incontestável dizer que os acontecimentos sociais e históricos impactam o pensamento de um povo. Porém, no Haiti alguns acontecimentos da história nacional parecem, naturalmente, marcar nova orientação tanto no modo de agir e de pensar do povo, quanto nas produções literárias do país. Nessa linha de pensamento, autores como Hoffman (1995), Mars (1928; 1957) Jean (2012), Bellegarde (2012), Gaillard (1993) estão de acordo, o reconhecimento da independência pela França em 1825, a ocupação estadunidense (1915-1934), a chegada à presidência de François Duvalier (Papa Doc) em 1957, que transformou logo seu regime em ditadura feroz, e outros acontecimentos históricos tiveram repercussões importantes sobre a vida intelectual haitiana. Nessa mesma ordem, o terremoto que arrasou o país em 12 de janeiro 2010 não fica sem consequência tanto sobre o pensamento como sobre a vida espiritual e intelectual do haitiano.

Logo após essa catástrofe sem precedência na sua história, – que arrasou a região Oeste – região mais urbanizada do país, surgiram no Haiti muitos debates sobre a (re)construção do país. No entanto, o terremoto suscitou pouco debate no que tange à

(re)estabilização do haitiano traumatizado pelos acontecimentos desta catástrofe, nem sobre a educação desse povo, que parece não ter compromisso com o meio ambiente.

Em consequência, no que se refere a certas áreas de conhecimento, debates sobre a utilidade social e de financiamento dessas mesmas foi e continua a ser objeto de questionamento. Por exemplo, nesses debates, a utilidade ou a função social de áreas de estudos como literatura e arte foi muito contestada. Para muitos, estes campos de pesquisa não têm a mesma relevância que os estudos da engenharia, do direito, da química e da biologia, para citar somente estes últimos que estão ligados à produção imediata da vida social. Partindo dessa hipótese, muitos criticaram e contestaram a utilidade social das produções literárias e da arte, e chegaram até a considerá-las inúteis. Assim, tornou-se impossível investigar a literatura, a arte no Haiti pós-terremoto sem uma referência direta ao papel deste campo na sociedade.

Com efeito, partindo da hipótese de que a literatura é essencial na construção de sujeitos ativos e autônomos, esta pesquisa consiste em investigar em que a literatura pode contribuir na (re)construção de um país como o Haiti, o qual está enfrentando enormes dificuldades de ordem infraestrutural.

Para tanto, a pesquisa se concentrou no romance *Donos do Orvalho* de Jacques Romain (1907-1944), com o intuito de observar como a literatura ou as produções literárias se revelam importantes na compreensão e na transformação de situações ou de acontecimentos. Com base nesse romance, demonstramos pela análise, como a execução prática precedeu uma elaboração teórica, intelectual. Pois, o romance apresenta uma situação de miséria causada pela seca devastadora, onde todos os habitantes ficaram divididos; todos sabem o que precisam para sair dessa situação, mas por falta de uma elaboração teórica, intelectual, ninguém tinha conseguido mudar essa situação de miséria. Foi necessário que alguém pensasse à frente dos outros para que a situação pudesse vislumbrar alguma melhora, e foi isso que o herói do romance fez.

Este trabalho de pesquisa é estruturado em duas partes. A primeira apresenta um percurso histórico sobre o Haiti desde o descoberto – invasão – pelo Cristovão Colombo e seus companheiros até [1957] 1961, período em que terminou o movimento artístico e literário haitiano, o chamado *L'Indigenisme haitien*. Esse panorama histórico serviu de base para compreender o contexto sócio-histórico no qual se inserem as obras literárias haitianas. Visto que a situação do país está imbricada na sua trajetória histórica, assim um panorama histórico se torna necessário para entender um pouco a condição de produções de obras literárias no Haiti. Na segunda parte do estudo, analisamos o

romance *Donos do Orvalho*. Pela análise deste romance, destacamos duas visões do mundo opostas: a dos personagens secundários (o destino do homem pertence a Deus) e a do personagem principal (o homem é quem cria seu destino, ou seja, o homem é o padeiro da sua vida). A narrativa é centrada nos personagens, ou seja, trata-se de uma narrativa em que o narrador deixa falar os personagens – dá voz aos personagens. A estrutura da narrativa faz com que o leitor sintam-se integrado na história; isto é, o leitor sente-se dentro da narração. Em relação aos personagens, o narrador apresenta, de um lado, uma burguesia ascendente, ávida de ganhos e de interesse e, de outro lado, uma classe trabalhadora, composta de camponeses, que está lutando para sobreviver.

Nesta pesquisa, tomamos como suporte teórico os conceitos de literatura, estudos literários, produções literárias, forma literária, discutidos em autores como Bakhtin (1990); Candido (2002; 2004a, 2004b), Campagnon (2007, 2012), Castagnino (1968), Citton (2007), Hoffman (1995) e Price-Mars (1928). Esses autores ofereceram-nos oportunidade para conhecer perspectivas que atravessem o campo da literatura, no que se refere ao vínculo das obras literárias com motivações exteriores, provido seja da personalidade do autor, seja de acontecimentos histórico-sociais. Com bases nesses autores, enquanto o conceito da literatura utilizado em nosso trabalho é configurado como as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, o conceito da forma literária é apresentado como – a maneira que autores de obras literárias manipulam a linguagem. Salienta-se que a forma artística se define pela dissonância situada no coração da vida, que ela aceita e estrutura como base de uma totalidade acabada em si; e a atmosfera na qual mergulham os homens e os acontecimentos mantêm-se determinados pelo perigo, que ameaça a forma.

Além disso, esses autores se tornaram muito importantes na medida em que colaboraram para o desenvolvimento da nossa tese, segundo a qual a literatura cumpre papel incontestável na formação ou na construção de sujeitos ativos e autônomos que podem forjar seu próprio destino. Assim, a tese principal deste trabalho busca contrapor uma tese, ainda vigente no Haiti, que toma as produções literárias e artísticas como a arte pela arte, como se elas não apresentassem nenhum compromisso social, e, além disso, como se elas não tivessem nenhum valor na estrutura social.

Dessa forma, esta pesquisa se revelou importante na medida em que, de um lado, trouxe suas contribuições no que tange à função social das produções literárias; e, em segunda, demonstrou como as mesmas podem contribuir na (re)construção do Haiti pós-terremoto através da formação de sujeito autônomo, responsável.

Capítulo I- Os grandes momentos da literatura haitiana de sua origem a 1957 [1961].

Haïti lève toi! *Le monstre qui t'entraîne*
Vers l'abîme, la honte et le deuil aura peur
S'il voit se soulever la conscience humaine!
Fais frissonner le monde à tes cris de douleur!
(Georges Sylvain).

1. Haiti: De Hispaniola a Santo Domingo e de Santo Domingo a Haiti.

As situações difíceis do Haiti com a ascensão da independência o constituem como objeto de grande preocupação, e a situação que a seguiu explica a preponderância de temas nacionais nas produções literárias ao longo dos séculos XIX e XX. Apesar de suas dimensões modestas, a realidade haitiana no seu conjunto é tão complexa e somente um pouco de história permite esclarecê-la. Primeiro, temos que ressaltar que a República do Haiti, com a superfície de 27.750 km², ocupa o terço ocidental da ilha do Haiti (77 000 km²), a maior das Antilhas depois de Cuba (HOFFAMAN, 1995). Ela se situa na América Central, separada de Cuba pelo canal do vento, e compartilha a ilha com a República Dominicana, de língua espanhola, independente desde 1844. Na linguagem dos primeiros habitantes de raça arawak (os Taínos), Haiti Quisqueya ou Boyo significa terra montanhosa (BELLEGARDE, 2012). O país se constitui principalmente de montanhas intercaladas de pequenas planícies costeiras e vales fluviais.

A ilha do Haiti entra na história do mundo ocidental a partir da conquista de Cristovão Colombo. Foi em dezembro 1492 que Cristovão Colombo e seus companheiros desembarcaram na ilha que eles viriam a chamar de Hispaniola (Pequena Espanha), por suas semelhanças da Espanha (BELLEGARDE, idem). Quando chegaram à ilha, encontraram uma população da raça arawack (os Taínos) que vivia tranquilamente com uma cultura homogênea. No entanto, sua chegada representou uma verdadeira catástrofe para a população, pois tal população iria desaparecer rapidamente. E, de acordo com Hoffman (idem), a resistência animada pelo cacique Caonabo¹ contra os conquistadores foi brutalmente reprimida, e logo os habitantes da ilha foram conduzidos à escravidão. Submetidos aos trabalhos árduos seguidos de maus tratamentos, eles foram completamente exterminados em pouco tempo. Segundo Bellegarde (2012), foi em menos de quarenta anos que os índios foram completamente

¹ Caonabo foi o primeiro cacique da ilha que se revoltou contra os espanhóis. Infelizmente, enviado para a Espanha depois de ser capturado pelos espanhóis, ele morreu afogado em 1496.

exterminados pelos espanhóis: principalmente em trabalhos árduos de mineração ou na luta de resistência.

Portanto, devemos observar claramente que a história colonial do Haiti iniciou por um genocídio. Sendo assim, tendo a necessidade de trabalhadores para substituir os índios, a Espanha passou a introduzir na Ilha negros da África. O primeiro grupo de escravos africanos chegou à ilha em 1503 (BELLEGARDE, *idem*).

No entanto, os espanhóis não ficaram tranquilamente como possuidores da ilha por muito tempo, pois, no início do século XVII, aventureiros franceses e ingleses vieram estabelecer-se na ilha. E, logo, os franceses se livraram dos ingleses e atacaram os espanhóis sob os quais conquistaram a parte ocidental da ilha e a nomearam de Saint-Domaingue, (Santo Domingos). Mas, foi em 1697 através do tratado de Ryswick² que a parte oeste da ilha passou a ser colônia francesa (SEGUY, 2014). Por esse tratado a ilha foi oficialmente dividida em duas partes: a Espanha ficaria com a parte leste (atualmente República Dominicana), e a França com a parte oeste (atualmente República do Haiti).

Tornando-se colônia da França, subitamente, por sua prosperidade, a parte oeste da ilha passa a ser uma das maiorias colônias do mundo:

em 1789, a colônia francesa das Índias Ocidentais de São Domingos [atualmente República do Haiti] representava dois terços do comércio exterior da França e era a maior mercado individual para o tráfico negreiro europeu. Era parte integral da vida econômica da época, o orgulho da França e a inveja de todas as nações imperialistas. A sua estrutura era sustentada pelo trabalho de um meio milhão de escravos (JAMES, 200, p.15).

Para manter tal prosperidade na parte oeste da ilha, como descrita pelo autor, os colonizadores tiveram como lei orgânica o Code Noire³ (Código Negro), que foi a principal ferramenta legal e de legitimação, regendo o estatuto do escravo na colônia. Apesar de esse código visar em parte proteger os escravos dos abusos dos mestres, (CORVENIN, 1993) os escravos foram expostos aos maus tratamentos, aos trabalhos árduos e censuras de todas as naturezas, (PRICE-MARS, 1928), e em face

² Em 1697, através da assinatura do tratado de Ryswick envolvendo Espanha e França, a parte ocidental da ilha (atualmente o Haiti) foi cedida à França, e a parte leste (atualmente República Dominicana) fica com a Espanha. [Todas as traduções, salvo indicação contrária, são do autor].

³Promulgado em 1685, o Código Negro era a lei que definiu o estatuto de escravos nas colônias francesas da América, considerando-o seus proprietários como seus mestres, (CORVENIN, 1982). Também, este código pretende proteger os escravos dos abusos dos mestres pelo fato de que expõe detalhadamente os direitos e os deveres dos ambos. Porém, o direito dos escravos era apenas coisas de papel; na prática o mestre tinha o direito de vida e de morte sobre o seu escravo.

de tais situações houve escravos que empreenderam a prática de marronnage⁴, e foram eles os principais agentes da revolta que liberaram o país da dominação francesa. Foi em 1791 que a parte francesa da ilha lança as bases de sua independência com a célebre cerimônia⁵ de Bois-Caïman. Nessa altura, devemos ressaltar que, através do Código Negro, os escravos foram proibidos, sob a punição a mais atroz, a praticar qualquer culto que não fosse o catolicismo, porém aqueles que fugiram praticaram sua religião, e outros que ficaram nos campos praticaram seus cultos de modo escondido. Eis por isso nessa cerimônia, eles confessaram sua fé com esses temas:

“[...] O Deus que cria o sol [...]. O Bom Deus que está no céu olha para nós. Ele vê o que os brancos fazem. O Deus dos brancos recomenda o crime, o nosso solicita o bem. Mas, o nosso bom Deus nos ordena a vingança. Ele vai conduzir nossos braços e ele vai dar-nos a assistência. Quebrem a imagem do Deus dos brancos que está com nossas lágrimas; ouçam em nós mesmos o apelo da liberdade” (MARS, 1928 p.54; CORVENIN, 1982 p.42).

Trata-se de uma cerimônia na qual, através do vodu e do desejo de serem homens livres, os escravos fugitivos se uniram para combater os senhores brancos. Após a captura do seu líder Buckman, uma semana depois dessa cerimônia, a revolta sendo liderada por Toussaint Louverture, uma vez que este último foi capturado pelo exército de Napoleão, as lutas revoltas foram lideradas por Dessalines, Christophe, Pétion que venceram as tropas de Napoleão. A última luta pela independência foi a derrota da expedição de Bonaparte em 18 de novembro 1803 – e em 1º de janeiro 1804, sobre a Place *D'Armes* des Gonaïves, o geral em chefe do exército, Jean Jacques Dessalines⁶,

⁴Marronnage, “negros marrons” (deriva da palavra espanhola “cimarron” animal doméstico que se torna à natureza de selvagem) foi uma prática de escravos rebeldes que abandonaram as habitações de seus mestres, e se abrigaram na montanha para fugir da escravidão. Foi um ato de rebelião, um ato fugitivo, ou, de abandono pelo qual os escravos se rebelavam contra os colonizadores.

⁵Sendo fugitivos na noite do dia 14 de agosto 1791 sob a direção de Bouk-man aconteceu tal cerimônia no Bois-Caïman, habitação Lenormand de Mezi (localizada no norte do país) em que os escravos presentes juraram fidelidade entre eles e rezaram ao Deus deles (MARS, 1928). Boukman do nome completo Dutty Boukman (houngan, sacerdote de vodu) foi um dos primeiros líderes mais visíveis do início da Revolução haitiana. Liderou esta cerimônia que teria sido um catalisador para a revolta dos escravos, antes de ser morto pelos franceses em novembro de 1791. Os franceses exibiram a cabeça dele em uma tentativa de dissipar o mito de invencibilidade que Boukman havia cultivado. Nessa cerimônia, um porco é sacrificado e todos bebem o sangue do animal sacrificado (pacto de sangue) e fazem juramento de fidelidade à luta.

⁶ Jean Jacques Dessalines (1758-1806), ex-escravo, foi um dos principais líderes da revolução haitiana. Ele foi o proclamador da independência do Haiti e foi o primeiro governador em chefe do país. Em 1805, seguindo os passos de Napoleão Bonaparte na França, Dessalines proclamou-se imperador com o nome de Jacques I. Ele foi assassinado, no dia 17 de outubro de 1806, (YVES, 1997). O atual hino nacional do Haiti se chama *La Dessalinienne* porta assim o nome do imperador.

proclamou a independência da parte ocidental da ilha, e a rebatizou Haiti (nome dos índios) – constitui-se a primeira colônia que se libertou de seus colonizadores na história do Novo Mundo (JAMES, 2000), e o segundo país independente na América depois dos Estados Unidos, independentes em 1776. O país tornou-se independente com praticamente tudo destruído; não foi reconhecido nem pela antiga metrópole, nem pelas potências em ascensão. Dá-se para entender que as potências escravagistas, sendo proprietárias de colônia na América, tiveram medo de que essa revolução fosse tomada como exemplo. Foi, assim, que o país foi isolado, e sua história foi ocultada.

A partir do que foi dito até aqui, é possível perceber que a forma como nasceu o Haiti enquanto nação o constituiu como objeto de enorme preocupação – sobretudo quando sabemos que a escravidão era a base da economia da época. Para as potências imperialistas tal independência foi uma ameaça à ordem econômica, social e política. É devido a isso, na sua abordagem sobre essa independência, que James afirma:

Essa independência foi a única revolta de escravos bem-sucedida da História, e as dificuldades que tiveram de superar colocam em evidência a magnitude dos interesses envolvidos. A transformação dos escravos em um povo capaz de se organizar e derrotar a mais poderosa noção europeia daqueles tempos é um dos grandes épicos da luta revolucionária e uma verdadeira façanha (JAMES, 2000, op. cit.).

Tal abordagem parece muito significativa para pensar a situação em que fica a nova República governada por antigos escravos, onde seu principal interesse era acabar com o sistema de escravatura a qualquer preço. Contudo, é sabido que, antes de pensar em um projeto nacional, a principal preocupação dos homens dessa nova República era a de se preparar contra um eventual retorno dos franceses.

No entanto, em 1825, sob pressão do governo francês, o país teve que assinar e pagar uma “dívida” não contratada de 150 milhões de francos-ouro para que a França reconhecesse a independência e permitisse o alívio do embargo mundial que estrangulava o Haiti como punição a proclamação da Independência (SEGUY, 2014) – fato único na história, oculto até hoje. Nesse parâmetro, não é pouco o mérito de Hoffman (1995, p.21) ao escrever:

É em Santo Domingo que aconteceu a primeira e única revolta de escravos na história da humanidade, e que fundou em 1804 o primeiro país independente do Novo Mundo depois dos Estados Unidos (1776). Apesar de envio na colônia, em 1802, pelo Cônsul Bonaparte, de um corpo expedicionário com a missão de restaurar a escravidão, o exército sofreria, no ano seguinte, sua primeira grande derrota: os raros que sobreviveram do corpo expedicionário reembarcaram após deixar 40.000 soldados no terreno (fato histórico

sistematicamente oculto aos franceses até hoje, incluindo os estudantes e crianças em idade escolar). Os haitianos foram os únicos povos do Caribe a conquistar a independência pela força das armas e sem ajudas externas⁷.

Temendo a restauração da escravidão, os homens da nova república não faltaram em nenhum momento à defesa dessa independência ignorada, ameaçada. Foi numa situação de vigilância e de isolamento diplomático e econômico, que os homens da nova República viveram até o reconhecimento da independência pela França em 1825 e pelos Estados Unidos em 1860.

2. O surgimento da literatura do Haiti

Para entender melhor o quadro no qual se insere o romance “Dono do Orvalho”, que é o objeto de estudo desta pesquisa, acreditamos ser necessário apresentar um percurso histórico da literatura haitiana. Pois, a nosso ver, não se pode entender as produções literárias do Haiti sem tomarmos em conta alguns acontecimentos decisivos da história nacional, porque tais acontecimentos impactaram profundamente as produções literárias do país. Ao estudar a história da literatura do Haiti (ciente da condição na qual se tornou país independente), as primeiras questões que se pode apresentar são: como nasceu a literatura haitiana? Quais são suas características e as circunstâncias que favoreceram seu florescimento?

A esse efeito, temos que levantar para conhecimento alguns elementos indispensáveis para falar de literatura. À primeira vista, quando dissermos literatura, deve ficar claro que estaremos referindo – como aponta Candido (2002), às criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, ou de uma cultura. Dessa maneira, de acordo com Compagnon (2012), levamos em conta cinco elementos indispensáveis para que haja literatura: um autor, um livro, um leitor, uma língua e um referente; porém, tais elementos podem ser reduzidos ao tripé: texto, autor e público. Com tal base, a existência da literatura pressupõe uma coletividade – isto é, uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades

⁷C'est à Saint-Domingue que réussit la seule révolte d'esclaves de l'histoire de l'humanité, et que fut fondé en 1804 le premier pays indé-pendant du Nouveau Monde après les États-Unis (1776). Cela malgré l'envoi dans la colonie, en 1802, par le Premier Consul Bonaparte, d'un corps expéditionnaire ayant mission d'y rétablir l'autorité de la métropole ainsi que la traite des Noirs et l'esclavage. Une armée napoléonienne connut l'année suivante sa première déroute: les rares sur-vivants du corps expéditionnaire rembarquèrent après avoir laissé 40 000 hommes sur le terrain (fait historique systématiquement oc-culté, de nos jours encore, aux écoliers et étudiants français). Les Hai-tiens ont été les seuls Antillais à arracher l'indépendance par la force des armes, et sans aide étrangère.

profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, – para chegar a uma “comunhão” (CANDIDO, *idem*).

Em primeiro lugar, devemos ressaltar que quando o Haiti nasceu como País Independente não havia um público letrado, ciente de que os antigos escravos que formam essa nação não tiveram acesso à instrução – e somente um pouco de homens mulatos eram letrados. De acordo com Hoffman (1995), após a independência, o pouco de homens letrados que constituíram a nova elite haitiana era de antigos mulatos livres que foram enviados à França para fazer seus estudos. Era o caso, por exemplo, de Luis Boirond Tonnerre (1776-1806), Juste Chanlatte (1766-1842) e Jules Solime Milscent (1778-1842), figuras emblemáticas dos pioneiros da literatura haitiana. Ainda, devemos levar para conhecimento que, apesar de ter sido colônia da França, os escravos de Santo Domingo não falavam francês, e as dificuldades de funcionar na língua dos colonizadores deram nascimento a uma nova língua (o atual crioulo haitiano), e em certas circunstâncias os mestres da colônia tiveram que aprender tal língua para administrar a colônia.

Nesse parâmetro, Price-Mars (1957) mostra exaustivamente que a reedição do Código Negro de 1785 exige que a presente proclamação seja traduzida e publicada na língua dos escravos (o crioulo haitiano). Também faz injunção, todas as segundas feiras, ao proprietário de escravos ou ao advogado, ou ainda ao gerente econômico de reunir os escravos antes que eles entrem no trabalho de ler exaustivamente na versão em crioulo, o artigo 40 do Código Negro que rege os seus deveres para que eles [os escravos] fossem cientes de seus deveres (PRICE-MARS, *idem*). O que é necessário destacar nesse ponto é que a língua dos escravos teve importância na colônia, e também ela teve uma tradição escrita, porém, a literatura propriamente dita do país iniciou-se em francês, apesar de que os habitantes da nova República falavam apenas o crioulo haitiano. Desde então, a literatura do país continua sistematicamente a escrever em francês até o final do século XX. Então, podem surgir estes dois questionamentos elementares: por que esta escolha de escrever na língua da antiga metrópole? Para qual público estas obras foram concebidas?

A hipótese a mais plausível deixa entender que a escolha de escrever em francês era uma escolha estratégica, no sentido de que o público alvo era o inimigo, a antiga metrópole; assim os homens de letras queriam que a antiga metrópole entendesse e compreendesse a mensagem que estava veiculando. Outra hipótese explica que essa escolha foi devida aos poucos de homens letrados da nova República, que eram

instruídos em francês, e em consequência não tiveram outra opção que o francês. Enfim, a hipótese válida para as produções literárias posteriores explica que a escolha do francês é devida ao fato de que esta língua se torna uma língua de prestígio ou da ascensão social da república. A nosso ver, todas essas hipóteses são válidas, pois tanto uma quanto outra podem explicar a escolha do francês como a língua das produções literárias do país, embora a língua da totalidade da população local seja o crioulo haitiano.

Disso surge uma das críticas mais severas proferidas às primeiras produções literárias do Haiti, a da língua – muitas críticas tendem a considerar a literatura haitiana como um ramo da literatura francesa porque, segundo essas críticas, os homens da nova República deveriam se libertar também da língua dos antigos colonizadores. No entanto, achamos que essas críticas não são tão validadas pelo fato de que, a nosso ver, uma língua não é uma propriedade privada de um povo; ela é o patrimônio cultural, digamos, de todo homem que a fala. É verdade que a literatura haitiana deveria ser escrita na língua da maioria da população, mas não é por isso só que podemos dizer que a literatura haitiana no início era filha da literatura da França ou ignorar sua existência. Como havia um grupo de homem que falava francês, o problema deve ser colocado em relação ao público local que falava apenas o haitiano. Eis uma das nossas grandes críticas preferidas às produções literárias haitianas desde no início até hoje em dia, pois qualquer obra que visa atingir o público haitiano devia e deve ser escrita em haitiano – língua da totalidade da população – e não em francês, que é ainda a língua de menos de vinte por cento (20%) da população.

Em que se refere à circulação de textos ou à produção de conhecimentos na colônia, Hoffman (1995) escreve o seguinte:

foi somente em 1724 que se abre na cidade do Cap-Français (atualmente Cap-Haitien) a primeira editoria-livraria, que fechará logo, após o seu proprietário ter sido acusado de ter colocado em venda de livros obscenos. Depois disso, foi em 1763, na mesma cidade, e dois anos mais tarde, em Porto Príncipe (atual capital do Haiti) que uma editora se instalara na colônia. A maior parte de sua produção se concentrou em documentos administrativos e comerciais⁸.

Continua-se esclarecer que durante a colônia nenhum romance, nenhuma coletânea de poesia, tanto quanto sabemos, jamais apareceu em Santo Domingo, enquanto testemunhas concordaram de sublinhar a existência de uma vida teatral na colônia. E,

⁸ Il faut attendre 1724 pour que s'ouvre au Cap la première imprimerie-librairie, qui fermera d'ailleurs bientôt après, son propriétaire ayant été accusé d'avoir mis en vente des livres obscènes, et ce n'est qu'en 1763 dans la même ville, et deux ans plus tard à Port-au-Prince, que l'imprimerie s'installe dans la colonie. Le plus clair de sa production consistera en documents administratifs et commerciaux.

segundo Vassière (1909, p.307, apud Hoffman, 1995) dentre os plantadores e negociantes da colônia: “não há ninguém, de fato, que se aplica ao estudo da literatura e da ciência. Cada um se ocupa apenas da sua fortuna, e todos são compartilhados entre a cultura e o comércio”. Ainda, citando Jacques-Stephen Alexis (1984, p.13), Hoffman (idem, p.128) ressalta:

A constituição da nação haitiana, em 1804, após a esmagadora vitória sobre o exército de Napoleão Bonaparte não é o fenômeno mais extraordinário de nossa existências como povo. Longe disso. O fato é de que um povo negro, analfabeto mais de 99% pudesse, em alguns anos, apesar da hostilidade de todo o ocidente colonialista, criar uma elite letrada possível de rivalizar com as da Europa – isto é a mais significativa⁹.

Por este motivo, estamos longe de admitir que houvesse uma literatura propriamente dita, que tivesse produção de conhecimentos na colônia. Já que, como vimos, o principal interesse dos atores da colônia era apenas se enriquecer com qualquer custo.

Dessa forma, o esboço feito até aqui pode ser reduzido a uma afirmação simples: não podemos falar de produções literárias propriamente ditas no Haiti no tempo da colônia. Aliás, não houve escolas, livraria, editora de livros e, ainda menos esta interação entre o tripé (autor, leitor, texto) necessário para que haja uma literatura. É devido a isso que historiadores, críticos e especialistas da literatura haitiana tais como Dr. Eddy Anold Jean, Dieudonné Fardin, Léon François Hoffman, Jean Price-Mars, Roger Gaillard deixam entender que a literatura haitiana propriamente dita nasceu após a proclamação da independência. Para eles, o ato da independência (Memória para Servir a História do Haiti), escrito por Boironde Tonnerre¹⁰ e lido no dia da sua proclamação (1º de janeiro 1804) foi considerado como a primeira obra da literatura do país. A nosso ver, essa obra trata mais de um documentário histórico, mais os estudiosos da literatura haitiana consideram-na como a primeira obra literária do país.

No entanto, é fundamental pensar que é a independência que abre a porta às atividades literárias no Haiti. Tal fato parece naturalmente óbvio, pois, como postula

⁹La constitution de la nation haïtienne en 1804 après l'écrasante vic-toire sur l'armée de Napoléon Bonaparte n'est pas le phénomène le plus extraordinaire de notre existence de peuple, loin de là. Le fait qu'un peuple nègre, illettré à plus de 99% ait pu en quelques années malgré l'hostilité de tout l'Occident colonialiste, se créer une élite lettrée capable de rivaliser avec celles de l'Europe, est bien plus insigne et significatif.

¹⁰ Louis Félix Mathurin Boironde-Tonnerre (1776-1806) mais conhecido como Boironde-Tonnerre, foi escritor e historiador haitiano que era mais conhecido por ter servido como secretário do principal líder da revolução haitiano, Jean-Jacques Dessalines. Mais conhecido sob o nome de Boironde-Tonnerre, tornou-se famoso por ser autor do Ato da Independência do Haiti e da narração Mémoires pour servir à l'histoire d'Haiti (Memória para servir à história do Haiti). (HOFFMAN, 1995).

Coutinho (1980, p.30) as ciências, a poesia e as belas artes, filhas da liberdade, não são partilhadas pelo escravo; irmãs da glória, fogem do país amaldiçoado onde a escravidão rasteja, e só com a liberdade habitar podem. Eis porque, compartilhamos da tese que sustenta que a literatura haitiana propriamente dita começa após a libertação do país do jugo dos franceses. Antes da sua independência o que podemos admitir que houvesse no país é a tradição oral e popular. Portanto, as letras compareciam, notadamente, de maneira oficial, em sentido comemorativo, como versos e prosa de circunstâncias para resgatar a nova República da ameaça pelas potências escravagistas.

2.1. O florescimento da literatura haitiana.

Não é um princípio incontestável dizer que os acontecimentos históricos impactam o pensamento de um povo. Porém, no Haiti, por exemplo, alguns acontecimentos da história nacional parecem, naturalmente, marcar nova orientação nas produções literárias do país. Nesse sentido, autores como Hoffman (1995), Mars (1928; 1957) Jean (2012), Bellegarde (2012), Gaillard (1993) estão de acordo: o reconhecimento da independência pela França em 1825, a ocupação estadunidense a partir de 1915, a chegada à presidência de François Duvalier (Papa Doc) em 1957, são dentre outros, acontecimentos históricos que tiveram repercussões importantes sobre a vida intelectual haitiana. Tais acontecimentos fazem com que as produções literárias do país sejam estudadas em períodos. Assim, de 1804 a 1957 [1961], historiadores e especialistas da literatura haitiana tais como Dr. Eddy Arnold Jean, Dieudonné Fardin nos permitem destacar que as produções literárias do país podem ser classificadas em cinco períodos ou momentos históricos, apenas Roger Gaillard as classifica em quatro períodos para esse mesmo momento histórico.

3. Os pioneiros da literatura haitiana.

Segundo Fardin (2012), Jean (2013), o primeiro período da literatura haitiana iniciado em 1804 e terminou em 1836 com o aparecimento do manifesto Cénacle. Mas, para Gaillard (1993) esse período iniciado em 1804 se termina em 1938. Dentre os homens de letras desse período encontramos o nome de: Boirond Tonnerre (1776-1806), Antoine Dupré (? 1816), Justes Chanlatte (1766-1828), Jules Solime Milscent (1778-1842), Jean Baptiste Romane (?), Le Baron de Vastey (? 1735), (HOFFMAN,

1995; FARDIN, 2009; JEAN, 2012). E, foram esses autores que iniciaram a verdadeira carreira literária no Haiti.

No que diz respeito ao caráter das produções literárias desse período, e a circunstâncias que favorecem seus florescimentos, as opiniões, as análises se convergem. Para, Gaillard (1993), os primeiros anos vividos em receio permanente de um eventual retorno ofensivo dos franceses levaram a uma produção de uma literatura que coloca em alívio a vitória sobre o exercito de Napoleão e a necessidade de ficar em atentos. Hoffman, por sua vez, esclarece que todas as produções literárias haitianas que precedera ao reconhecimento da independência do país (que exaltam as glórias dos fundadores da pátria) podem ser etiquetadas com o lema “A Liberdade ou a Morte”. Querendo resistir contra um eventual retorno de tropas francesas, os escritores descreveram em detalhes os perigos aos quais os potenciais invasores exporiam às mãos de cidadãos determinados a morrer até o último em vez de recair na escravidão (HOFFMAN, idem). Nessa altura temos que lembrar que o lema “Libète ou Lanmò” (A Liberdade ou a Morte) foi o grito dos escravos ao decorrer da revolução haitiana.

Deste período, pelo menos, necessitam-se notar três obras com ressonâncias de vinganças contra os colóns brancos: *Mémoire pour servir à l’histoire d’Haiti* (Memória para servir à História do Haiti) de Boirond Tonnerre, *Le Système Colonial Devoilé* (O sistema colonial desvelado) de Barond Devastey e *Hymne à la Liberté* (Hino à Liberdade) de Antoine Dupré (GAILLARD, 1993). Embora a maioria da população fosse analfabeta, devemos vislumbrar que a difusão da produção literária atingiu quase toda a população. Aliás, até o final do século XX, bem pouco são aqueles que não memorizaram o Hino à Liberdade de Dupré, Memória para servir a história do Haiti, de Boirond Tonnerre. Com efeito, as mensagens desses homens atingiram até o grande número de analfabetos do país. Muitas obras poéticas da literatura haitiana até o final do século XX eram cantadas, e foi por isso, mesmo aqueles que não tinham leitura do francês conseguiram gravar a mensagens desses literatos.

Em relação ao aspecto formal ou estético desse período, Jean (2013) ressalta:

[...] Achar uma maneira original e adequada para transmitir suas aspirações, suas preocupações é prerrogativa das literaturas maduras. O Haiti recém-nascido como nação independente possuiu uma literatura jovem, incapaz de achar uma maneira de pessoal. Esta insuficiência natural leva os representantes desse período a imitar a literatura francesa¹¹.

¹¹ Trouver une manière originale et adéquate de véhiculer ses aspirations, ses préoccupations est l’apanage des littératures mûres. Notre pays, fraîchement sorti du joug colonial possède une littérature jeune,

O mais essencial a notar nas produções literárias desse período é o caráter combatente em que os escritores se lançaram em defesa da independência e da soberania do país, assim, eles deixaram em segundo plano o aspecto estético ou formal. Com efeito, para eles a arte por arte não tem lugar.

Uma vez que sua independência reconhecida pelo governo Charles X da França em 1825, o Haiti emerge do isolamento material e intelectual no qual as grandes potências colonialistas lhe condenaram. Com o reconhecimento da independência, a França retomou o comércio com o Haiti, assim, artigos diversos como revistas, jornais, livros chegaram ao Haiti. E nesse sentido Jean (idem, p.78) informa:

com o reconhecimento do Haiti não se trata mais de preparar-se militarmente e ideologicamente a uma eventual volta dos franceses. Esta ameaça demitida traz a paz, assuntos e temas novos. A situação de paz deve corresponder, doravante, comércio e livros. De fato, a literatura dos pioneiros não se adapta às circunstanciais do momento. Deste fato, a literatura do país deve se reverter um novo aspecto¹².

Consequentemente, poetas e escritores haitianos iriam ter contatos com produções literárias francesas – lendo livros de Lamartine, Hugo e outros. E como não houve mais ameaças, eles dispuseram-se a engajar-se nas ranhuras do romantismo. Contudo, as produções desta geração de escritores são estudadas sob o nome de romantismo; porque se encontram nelas temas do romantismo em voga na época. Esse período é nomeado tanto de “*A Escola de 1836*” quanto “*O Cenacle de 1836*” ou ainda *Cenacle des frères Nau*, (FARDIN, 2009; JEAN, 2012). Esses nomes têm a ver com o manifesto do movimento que saiu em 1836 por um cenáculo que reuniu vários irmãos, cujos Ignace Nau, Émile Nau eram os principais líderes.

Tal movimento teve como principais representantes: Émile Nau (1812-1860), Ignace Nau (1805-1845), Coriolan Ardouin (1812-1836), Alexis Beaubrun Ardouin (1796-1865), Joseph Saint Remy (1815-1858), Thomas Mardiou (1814-1884). Mas, devemos esclarecer que Joseph Saint Remy, Beaubrun Ardouin e Thomas Mardiou são considerados como historiadores – sendo que os dois últimos tornaram-se muito

incapable de trouver d’expression personnelle. Cette insuffisance naturelle la condamne à solliciter les lumières d’une ainée. La littérature française est le guide tout désigné.

¹² Il n’est plus question, avec la reconnaissance d’Haiti, de parer militairement e ideologiquement à un retour éventuel des Français. Cette menace écartée apporte la paix, le commerce et les livres. A situation nouvelle de paix même relative doivent désormais correspondre des sujets et des thèmes nouveaux. Aussi la littérature militante des pionniers ne s’adapte-t-elle pas aux circonstances de l’heure, aux exigences de la nouvelle conjuncture. A ce compte, la littérature haitienne doit reverter un nouvel aspect.

famosos, malgrado o fato de que haja críticos que tentam qualificar Thomas Madiou como romancista.

Em relação ao caráter das produções desse período, as críticas e as análises convergem para mesma direção. Comparando o romantismo francês com as produções literárias haitianas desse período histórico, Price-Mars (1957, p.9) ressalta o seguinte:

E quando lembramos que, na primeira metade do século dezenove, o romantismo foi a grande escola onde brilhou a plêiade dos poetas e prosadores cujo gênio immortalizou algumas das melhores obras da literatura francesa, é fácil perceber-se que a literatura haitiana foi como um eco distante dos grandes órgãos cujas paisagens sonoras foram espalhadas em esplêndidas harmonias na terra de França. Prosa ou verso, o romancista, o contador de história ou o poeta haitiano esforçou-se para dar a sua obra o selo que defendeu a escola romântica¹³.

Essa abordagem leva-nos a pensar a questão da imitação nas produções literárias haitianas daquele período. Primeiro, em relação à forma, dá-se para entender que, com apenas três décadas, a literatura do país estava na sua fase de juventude. É devido a isso que, em relação à forma, os representantes desse período produzem uma literatura de imitação. Porém, temos que ressaltar que a literatura do país durante esses períodos, em relação ao conteúdo consegue manter sua originalidade, sua cor local. É nesse sentido que Jean (idem) deixa entender que o movimento literário do segundo período floresceu – obedecendo diferentemente do que se poderia pensar – às causas especificamente haitianas que não tinham nada a ver com o condicionamento sócio-culturais franceses. Entretanto, foi apenas em 1859 que apareceu o primeiro romance¹⁴ haitiano, “Stella” obra póstuma de Émeric Bergaud (1818-1858).

Os estudiosos da literatura haitiana não estão totalmente de acordo no que diz respeito a fixar em que data termina o movimento a Escola de 1836. Para Gaillard, ele

¹³ Et lorsqu'on se rappelle que, dans la première moitié du 19e siècle, le romantisme fut la grande école où brillait l'éclatante pléiade des poètes et des prosateurs dont le génie a immortalisé quelques-unes des plus belles oeuvres de la littérature française, il se conçoit aisément que la littérature haïtienne fut comme un écho lointain des grandes orgues dont les nappes sonores se répandaient en splendides harmonies sur la terre de France. Prose ou vers, le romancier, le conteur ou le poète haïtien s'efforçait de donner à son oeuvre le cachet que préconisait l'école romantique.

¹⁴ Embora a literatura haitiana propriamente dita nascesse em 1804 com a proclamação da independência do país, foi somente cinquenta anos mais tarde que produziu seu primeiro romance (HOFFMAN, 1995). Segundo estudiosos da literatura haitiana, Stella é o primeiro romance escrito por haitiano e publicado no Haiti. Stella é um romance histórico que ressalta um episódio da luta pela independência haitiana. Émeric Bergaud (1818-1858) escreveu esse romance enquanto vivia em exílio na Ilha São Tomás. Quando partiu para a França para cuidar da sua saúde precária, confiou o manuscrito de Stella a seu primo, historiador haitiano, Beaubrin Ardouin (1796-1865) que o editou em 1859.

iniciou-se em 1838 e terminou em 1888, com a queda do Lycius Salomon¹⁵ do poder. Para Fardin (2009), e Jean (2013), esse período começa em 1836 termina em 1860, com distúrbios políticos internos e com o reconhecimento da independência do Haiti pelo Vaticano. Essa questão de fixar a data não deve ser considerada como um problema, pois mesmo autores que apontam que esse período termina em 1860 reconhecem que temas do romantismo, embora os escritores privilegiassem temas locais, permaneceram nas produções literárias do país até os 1898. Porém, neste trabalho, apoiamo-nos em Jean e Fardin para destacar que esse período se inicia em 1836 e em 1860 com crises políticas internas com o reconhecimento da independência nacional pelo Vaticano, dado que os acontecimentos históricos podem marcar novas orientações nas produções de conhecimento de um povo.

3.1. Breve consideração das produções literárias do Haiti de 1860 a 1915.

Os estudiosos de letras haitianas identificam dois grandes movimentos nas produções literárias do país entre o período 1860 e 1915: o Movimento Patriótico (1860-1898) e *La Génération de la Ronde* – A Geração da Roda (1898-1915).

De acordo com Bellegarde (2012), no final do século XIX, rasgado por guerras civis, desprezado e insultado pelas grandes potências, o Haiti enfrentou crises políticas muito graves na sua história. Para Jean (2013) a chegada ao poder de Salnave dividiu o país em três repúblicas: Norte, Sul e Oeste. O presidente Salnave iria ser executado nas ruínas do Palácio Nacional. Adicione a isso a luta aberta entre o Partido Liberal e o Partido Nacional. O país foi ridicularizado no exterior. Observadores estrangeiros escreveram livros sobre o que eles se chamam de “Barbárie” dos negros. Surgiu-se daí a principal preocupação dos homens de letras daquele período: ressaltar para seu tempo as regras a seguir para a posteridade, para garantir o progresso do país. Desta preocupação surge uma literatura de combate, em que o escritor se dá a tarefa essencial: defender seu país e sua raça contra os detratores. Assim, historiadores e especialistas da literatura do Haiti, tais como Jean, Fardin, chamam esse período de Movimento Patriótico que se estende ao longo dos anos 1860 a 1898.

¹⁵ Lycius Salomon (1815-1888) foi presidente do país de 1879 a 1888. Em 1887, os habitantes do oeste se rebelaram por causa da falta da liberdade individual e do sistema tirânico da República. Funcionários do governo retiraram o apoio em Salomon em 1888. Dominado pelos desafios políticos que enfrentou, Salomon deixou o Haiti para França, Paris, onde morreu em 1888 (BERNADIN, 1997).

Dentre os principais representantes deste movimento, de um lado, citamos: Oswald Durand (1840-1906), Maxillon Coicou (1867-1908), Paul Lochard (1835-1919) Alcibiade Fleury Battier (1841-1883), Tertulien Guilbaud (1856-1937), que (com exceção de Coicou que foi também dramaturgo, romancista) são os representantes da lírica haitiana, e, do outro lado, Demesvar Deslorme (1831-1901), Antenor Firmin (1850-1910), Louis Joseph Janvier (1855-1911), que oferecem obras a caráter político, antropológico, romanesco.

Com Choucouné (1883), Rires et pleurs (1897), Ces Allemands (1872), Oswald Durand se tornou um dos principais poetas haitianos desse movimento ao ponto de que um dos seus poemas intitulado Chant National [Canto Nacional] chegou a ser o hino nacional do país de 1893 a 1904.

Em seguida, Coicou é muito conhecido por ser autor dentre outras de: Poésies Nationales (1892, coletânea de poema), *L'oracle* (1892, drama), Toussaint Louverture au Fort du Joux (1896, drama), Le Noire (1905, romance), *L'oracle, poème dramatique haitien* (1896, teatro), *Le génie français et l'âme haïtienne* (1904, ensaio) se tornou uma figura emblemática desse movimento (HOFFMAN, 1995; JEAN, 2013).

Dentre outras publicações desse movimento, que ganham muitos leitores são: Les théoriciens au pouvoir (1970), Reflexions Diverses sur Haiti (1873), Francesca (1873, romance), Le Damné (1877, romance), de Demesvar Deslorme; *De l'égalité des races humaines* (ensaio antropológico, 1885), Lettres de Saint Thomas. Études sociologiques, historiques et littéraire (1910), L'effort dans le mal, Port (1911), de Antenor Firmin; e *Les Détracteurs de la race noire et de la république d'Haïti* (1882, ensaio antropológico), Le Vieux Piquet; scène de la vie haïtienne, (1884, romance), Une Chercheuse (1889, romance), L'Égalité des races, (1884, ensaio antropológico) de Louis Joseph Janvier (HOFFMAN, op. cit.; JEAN, op. cit.).

Então, de acordo com Hoffman (1995), de modo geral, as obras literárias desse movimento literário foram tingidas de nacionalismo, da beleza natural do país em resposta aos desprezos dos estrangeiros. Em suas diferentes obras, condenando as lutas fratricidas, os representantes desse movimento exortam seus compatriotas a paz e unidade. Para os poetas, a variedade que apresenta a natureza, a beleza feminina é fonte de orgulho.

Após esse período, viu o surgimento do movimento La Génération de la Ronde que se estende ao logos dos anos 1898 a 1915. Segundo Fardin (2009) este período – sendo um dos maiores movimentos literários que já conheceu o Haiti – deve o seu nome à

revista literária *La Ronde* fundada por Pétion Gérome e Dantès Bellegarde, tal revista que apareceu durante quatro anos de 1889 a 1902. Nesta geração as produções literárias são atravessadas por duas tendências: Tendência Nacional (em que os escritores se lançaram em descrever os vícios da sociedade) e, a Tendência Eclética (em que seus representantes se lançaram a promover a literatura haitiana no exterior). Fardin (idem) considera esse período como um dos mais ricos quanto ao assunto agitado, aos polêmicos, ao desempenho literário.

A maioria dos poetas e romancistas denunciou o obscurantismo do poder, o abismo que existe entre aspirações da juventude e a realidade, entre sonhos e a má qualidade de vida, causada pela crise econômica e política permanente. O inconsciente coletivo digere mal a humilhação infligida sobre a noção pelas grandes potências da época. Resulta o desespero, pessimismo, e ao mesmo tempo, o desejo e a esperança desta geração. Uma das obras magistrais que podemos inserir nesse quadro é a de Etzer Vilaire, *Les dix hommes noirs* (Os dez homens Negros), poema dramático expressado uma matança coletiva de nove jovens motivada pela crise que afeta a juventude. Porém, o décimo deles, o mais novo desse poema dramático não se dá morte, dizendo que é covardia pôr fim a sua vida por ter enfrentado problemas.

Além dessa obra de Vilaire, há a coletânea de poema *Confidência Melancolia* (1901) de Georges Sylvain que podemos inserir neste quadro de expor, ao mesmo tempo, sentimento de sofrimento e a esperança de salvação ou ainda sentimento de indignação. Através seus poemas, o autor, além de mostrar sua tristeza a respeito da situação do país, prega a indignação, buscando assim conscientizar a população sobre a sua situação precária a fim de chegar a uma revolta para bem estar do país.

De outro lado, nessa geração, romances realistas floresceram e apresentaram condutas das elites políticas e econômicas e de vários outros aspectos da vida haitiana. Entre os romances mais conhecidos desta geração, citamos: *Themistocles Epaminondas La Basterre* (1901) e *La Vageance de Mama* (1903) de Frédéric Marcelin, *La Familles de Pitite-Caille* (1905) e *Zoune chez sa ninnaine* (1906) de Justin Lhérison, *Mimola* (1906) de Antoine Innocent, *Les Thazar* (1907), *Romulus* (1908) de Fernand Hibbert (HOFFMAN, 1995; FARDIN, 2012, GAILLAD, 1993). Devemos lembrar que esses romances foram etiquetados de romances sociológicos por terem descrito exaustivamente as praticas sociais tais que elas eram da época. Também eles são etiquetados de nacionalistas pelos seus engajamentos sociais. De onde vem o nome da segunda tendência: Tendência Nacional.

Por fim, em relação à forma e estilo dessa Geração que se estende ao longo dos anos (1898-1915), Fardin (2009) evidencia que – familiarizados com as grandes correntes da literatura francesa – os representantes dessa geração produzem obras com uma forma flexível capaz de expor todas as nuances de um pensamento alimentado das teorias. Foi numa linguagem simples que os representantes desse movimento produzem suas obras de maneira a ganhar a consciência coletiva para sair o país do marasmo econômico político de seu tempo.

3.2. A literatura haitiana durante a ocupação estadunidense.

Algumas observações feitas nas seções anteriores poderiam levar eventualmente a considerar que desde que nasceu como nação até no início do século XX, a vida política do Haiti é sempre movimentada por crises crônicas. A situação política interna, sempre frágil, estimulou várias tentativas de ocupação pelas potências imperialistas. Ainda, houve mais crises políticas no início daquele século que provoca uma ocupação do país durante um período por dezenove anos. Segundo Fardin (2009), no início do século XX o país vivia crises de instabilidades crônicas. De 1911 a 1915, seis presidentes se sucederam na direção do país, e somente no ano 1915, contavam-se quatro nomes na sucessão presidencial¹⁶.

Beneficiado pela situação política interna (guerra civil e movimento popular), o governo estadunidense investiu militarmente na tarde do dia 27 de julho 1915 (BELLEGARDE, 2012) – invasão essa que duraria dezenove anos. Na visão dos haitianos, essa ocupação foi um dos períodos mais dolorosos e vergonhosos na sua história de povo. A ocupação fazia do país uma verdadeira colônia dos Estados Unidos, de modo que o supremo comissário da ocupação tinha mais poder do que o presidente do país. Sendo assim, todos os projetos de lei deveriam ser submetidos a ele pela autorização ou censura (BELLEGARDE, 2009).

Diante dessas constatações, os homens de letras como Georges SYLVAIN, Jean PRICE-MARS, Dantès BELLEGARDE, Léon LALEAU, Émile ROUMAIN, Jacques ROUMAIN, para listar somente alguns nomes, se esforçam para produzir uma literatura de resgate nacional face ao desprezo da cultura nacional pelos ocupantes, pregando o retorno à cultura alma-mater (cultura da África) para contornar os planos dos ocupantes.

¹⁶ Au début du 20^e siècle, le pays vivait dans une instabilité politique chronique. De 1911 à 1915 six présidents se succèdent à la direction des affaires. On en compte quatre pour l'année 1915 seulement.

Price Mars (1995) deixa entender que, em face à ocupação, a defesa militar era insuficiente: os escritores deveriam recorrer à resistência cultural e, desse modo, formar a unidade nacional¹⁷. Foi assim que surgiu oficialmente o Indigenismo Haitiano, com o aparecimento, em 1927, da Revista *Indigène* (GAILLARD, 1993), com a palavra chave: “ Soyons nous-même le plus complètement possible” (sejamos nós mesmo o mais completamente possível) (FARDIN, 2009). Surgiu com tal palavra de ordem, é devido ao que Price-Mars (1928) chama de bovarisme collective que configurado como sentimento de desprezo da sua própria identidade em favor de outra cultura. É por esse motivo que historiadores e críticos literários definem o Indigenisme Haitien como sendo a busca da identidade surgida do nacionalismo anti-imperialismo frente à ocupação estadunidense.

No entanto, o Indigenismo tem uma longa história no processo político-ideológico na América Latina. Segundo Mezilas (2008), o Indigenismo latino-americano como sendo um movimento político-cultural e antropológico tem desempenhado um papel importante nas políticas da assimilação da região. Com esse movimento, os povos indígenas se tornaram atores políticos e sociais na América Latina, transformando-se em sujeitos ativos em vez de continuarem sendo objetos passivos (ACCACIA, 1993 apud MEZILAS, 2008). Mas, diferentemente do Indigenismo latino-americano, o Indigenismo haitiano (1927- 1957 [1964]) é um Indigenismo sem indígenas no sentido de que no Haiti não havia um povo indígena. Também, não se trata de uma corrente literária que idealiza romanticamente os indígenas, mas trata-se de um movimento de libertação da cultura popular: doravante, sua expressão e sua manifestação nas diferentes áreas de expressão literária no Haiti.

Então, de acordo com Fardin (2009), temos que ressaltar também que o Indigenisme Haitien se desenvolve através de quatro etapas: i) os escritores em margem do movimento indigenista (1915-1927); ii) os escritores da revista *Indigène* (1928-1934); iii) os escritores da revista *Griots* (1930-1940); iv) os Afro-indigenistas revoltados. O ponto comum dos escritores dessas revistas que compõem esse movimento é a vontade dos escritores e artistas de inspirar-se (quanto ao tema e à forma de suas obras) em costumes e valores pertencendo à vida nacional (GALLARD, 1993).

Então, nesse movimento literário, romancistas como Stephen Alexis, Jean-Baptiste Cinéas, Phillipe Thoby, Pierre Marcelin, Jacques Roumain focaram-se na descrição da

¹⁷ Dès lors, la résistance étant impossible contre le colosse Du Nord, nous acrochâmes à la résistance culturelle. Sur ce terrain, nous réalisâmes l’union nationale.

vida camponesa – como não ocorrera nos movimentos literários anteriores – enquanto os poetas como Carl Brouard, René Belance, René Despestre, Jean Bierre produziam uma poesia totalmente engajada (FARDIN, 2009). Aliás, os romances desta época são estudados sob a denominação de Roman Paysan¹⁸ que expõe a vida espiritual e moral, a miséria material e as causas da extrema pobreza do povo. O romance Gouverneurs de la Rosée traduzido em português por ‘*Donos do Orvalho*’ que será utilizado como objeto de estudo do segundo capítulo desta pesquisa é um dentre tantos romances desta época.

Para um grupo de historiadores e críticos literários, esse movimento iniciado em 1927 terminou em 1957, quando François Duvalier (Papa Doc) chegou à presidência, para outros esse movimento terminou em 1961 quando o Duvalier instalou uma ditadura sem precedência no país, (GAILLARD, 2012) – ditadura essa que duraria vinte nove anos (1957-1986).

Então, de um lado, o que já foi discutido até aqui viabiliza que muitos acontecimentos históricos podem marcar novas orientações no pensamento de um povo; do outro lado, leva-nos a pensar o papel das produções literárias e artísticas de uma nação tal ponto que abordaremos mais adiante nesta pesquisa. Enfim, para citar Hoffman (1995), é sob a ocupação estadunidense que a corda patriótica se vibra com maior patético e que a evocação de glórias do passado tomou um caráter particular.

4. Caráter geral das produções literárias do Haiti de 1804 a 1957.

De acordo com Coelho (1974, p.30), partindo da função de estabelecer a comunicação entre os homens – a literatura tem apresentada múltiplas funções que, a despeito de sua diversidade, podem ser agrupadas em duas grandes correntes: as que exercem uma função estética, e as que exercem uma função ética. Esclarece que no primeiro caso, as obras visam atingir a emoção do leitor, diverti-lo, dar-lhe prazer, enquanto no segundo as obras buscam ensiná-lo, convencê-lo. Para Bakhtin (1990), a forma da obra literária ou artística é a forma de um conteúdo; por esse motivo, ela deve ser compreendida e estudada como forma arquitetônica, axiologicamente voltada para o conteúdo e como o todo composicional e material da obra. Além desses autores, para pensadores como Candido (2004b), a obra literária é, ao mesmo tempo, uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado; através dela manifestam-se emoções

¹⁸ No Haiti, paysan são aqueles que vivem no campo, sempre menosprezados pelas situações precárias em que vivem. Geralmente, eles andam quilômetros para achar água, posto de saúde e escola. Roman paysan pode ser traduzido literalmente por Romance de Camponeses.

e visões de mundo, dos indivíduos ou dos grupos e, em última instância, ela é uma forma de conhecimento. Para ele, ainda, as produções literárias podem ser apreendidas como algo no qual o autor injeta ideologia, pensamento, sentimento de revolta ou adesão. Segue-se que a finalidade da obra literária não pode ser apreendida apenas como a arte pela arte; mas algo na qual podem estudar tantos aspectos ou processos sociais quanto aspectos históricos.

Além disso, de acordo com Lukács (196-?, p.71), toda forma artística se define pela dissonância situada no coração da vida, que ela aceita e estrutura como base de uma totalidade acabada em si; a atmosfera na qual mergulham os homens e os acontecimentos mantêm-se determinados pelo perigo, que ameaça a forma. Ainda, para Lukács (idem), o romance é a forma da virilidade amadurecida, por oposição à infantilidade normativa. Assim, a dissonância presa à forma do romance, faz com que a imanência do sentido se recuse a penetrar na vida empírica cujo caráter formal está muito mais escondido do que outras formas artísticas.

Referindo-se à literatura haitiana, parece que, naturalmente, poetas, dramaturgos, romancistas, apesar das óbvias e inevitáveis diferenças que os distinguem, orientam suas obras para a função ética, pois no que diz respeito à estrutura estética ou estrutura formal, eles cultivam uma forma flexível, simples e vigorosa. Ao apoiar em Hoffman (1995), até os últimos anos, com exceção de uma série de poetas do século XIX, os escritores haitianos estavam preocupados de competir com seus colegas franceses no desenvolvimento de análises sutis, de intrigas engenhosamente atadas ou de construções verbais elegantes alusivos: questões puramente estéticas estavam muito atrás das preocupações ideológicas.

Neste sentido, devemos salientar que as produções literárias do Haiti, de modo geral, ressaltam a tentativa, o processo da construção ou da afirmação do nacionalismo a haïtianité; ou seja, as produções literárias do país são atravessadas pelo esforço de construir o nacionalismo. Todavia, principalmente não eram preferências estéticas que incentivam os literatos haitianos, mas a natureza da identidade nacional, que segundo muitos analistas, a literatura deve exprimir e até mesmo forjar (HOFFMAN, 1995). Embora em relação à forma a literatura do país fique tributária da literatura francesa, o medo da imitação da antiga metrópole e o desejo de dar forma a uma originalidade literária nacional nunca deixam de preocupar os intelectuais e estimular o debate sobre tanto da natureza quanto da missão de letras haitianas. Nessa linha, Hoffman deixa

entender que debates no Haiti sobre ressonâncias literárias foram muito mais profundos que as discussões literárias na França.

Com efeito, ao longo dos anos 1804 e adiante, escritores haitianos se lançaram numa defesa da independência, da raça negra ignorada e ameaçada. Foi assim que surgiu o nacionalismo que podemos qualificar de até de excessivo. Desses diversos temas nacionais, encontram-se: culto ou elogio dos ancestres, exaltação e defesa da independência, elogio da liberdade, sugestão para apreciação do país (JEAN, 2013). Nesta mesma linha, a abordagem do especialista em literatura e cultura haitiana, Hoffman 1995, torna-se necessária:

Analistas haitianos e estrangeiros estão de acordo: a característica geral mais marcante das obras literárias haitianas é de serem explicitamente engajadas a serviço de uma causa, mais precisamente de querer contribuir com o bem estar do país. [...]. As gerações sucessivas de escritores haitianos têm focado em, primeiro, defender a própria pátria contra as críticas e zombarias maliciosas – e muitas vezes racistas – dos estrangeiros; segundo, ao mesmo tempo, em denunciar sem complacências os males da sociedade e falhas da mentalidade haitianas¹⁹.

Segue-se que o caráter essencial que caracteriza a literatura haitiana em suas diversas manifestações é que ela é uma literatura de ação, para tomar a expressão do crítico haitiano Duraciné Vaval. As produções literárias haitianas são mais atos de homens do que obras literárias em si (VAVAL, 1993, apud HOFFMAN, 1995, p.77), não pecam a eles a perfeição formal, a mediação de qualidade e de equilíbrio que são marcas da literatura de artes.

Em suma, é necessário notar que os literatos haitianos privilegiam mais a função ética do que a função estética, ou seja, eles não fazem a arte pela arte. Eis por isso, muitas vezes, a literatura haitiana é catalogada ou etiquetada de engajada, de resgate nacional, e o valor estético está sempre em segundo plano. Igualmente, é necessário notar as contribuições das produções literárias em busca de despertar do espírito faces aos grandes desafios e perigos da nação haitiana.

De acordo com Price-Mars (1957) vimos que na maioria dos casos, em poetas e romancistas a vontade de honrar a espécie humana e glorificar a essência e o valor da liberdade humana. Os poetas haitianos de vários movimentos, a despeito, de óbvias

¹⁹ *Analystes haitiens et étrangers s'accordent : la caractéristique générale la plus frappante des oeuvres littéraires haitiennes est d'être explicitement engagées au service d'une cause, plus précisément de vouloir contribuer au mieux-être du pays. [...]. Les générations successives d'écrivains haitiens s'attachent d'une part à défendre leur patrie contre les critiques et les railleries malveillantes – et souvent raciste – des étrangers; de l'autre, et en même temps, ils dénoncent sans complaisance les tares de la société et les défauts de la mentalité haitiennes.*

diferenças têm cantado, exaltado, glorificado, de uma maneira ou de outra, o heroísmo dos bravos que se convertem o rebanho de escravos em uma nação. Dessa forma, referindo-se ao caráter geral das produções literaturas do Haiti, podemos batizá-las de resgate nacional na medida em desde o nascimento propriamente dito a literatura haitiana, na perspectiva da formação da nova nação, teve que assumir uma dupla função apologética e construtiva: justifica aos olhos de estrangeiros a emergência de um Estado de antigos escravizados e a elaboração de uma consciência nacional. Assim, é inútil proferimos críticas severas no que tange ao aspecto estético das obras haitianas.

Capítulo II: Donos do orvalho: um projeto social para sempre.

‘‘Eu conheço meus compatriotas – eles têm cabeça dura e teimosa. Mas quando um homem não pensa pela cabeça, pensa pelo estomago, ainda mais quando ele está vazio. É por aí que eu pego essa gente: o interesse é o fraco deles. Chego e falo a cada um. Não pode engolir um cacho de uvas de uma só vez, mas grão a grão, é fácil’’ (Donos do Orvalho, p.142).

Este capítulo objetiva mostrar como uma leitura atualizante do romance *Donos do Orvalho* pode revelar-se importante para o Haiti pós-terremoto. Isto é, através desse romance, concentramos em mostrar a forma como as produções literárias haitianas e os estudos literários podem contribuir à (re)construção do Haiti pós-terremoto, o qual está enfrentando enormes dificuldades de ordem infraestrutural.

Obra póstuma de Jacques Roumain²⁰ (1907-1944), *Gouverneurs de la Rosée* traduzido em português brasileiro em 1954 por Emmo Duarte sob o nome de ‘‘Donos do Orvalho’’ foi escrito num contexto em que uma parte da inteligência francesa, haitiana, e do mundo apoiou ideias marxistas. Lembram-se na França de Anatole France (1844-1924), André Gide (1869-1951), Louis Aragon (1897-1982), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Raymond Aron (1905-1983), e no Haiti de romancistas como Jacques Stephen Alexis (1922-1961), René Despestre (1926), eles todos defenderam a ideia do marxismo (FRANÇOIS, 2006). Eles queriam uma sociedade nova, e, tal sociedade, acreditam eles, não poderia vir sem o advento do socialismo. Basta ressaltar também que a situação política, econômica do Haiti durante a primeira metade do século XX foi marcada pelo desperdício de recursos econômicos, empréstimos escandalosos sobre os quais o governo haitiano pagou juros, sem esquecer a corrupção em todos os níveis

²⁰Jacques Roumain, poeta, romancista, etnólogo, líder político, haitiano nasceu em Porto Príncipe no dia 04 de junho 1907, e morreu no dia 18 de agosto 1944 com apenas 37 anos de idade. Apesar de que ele veio da burguesia, Roumain rompeu com essa mesma, para tomar a defesa da classe proletária. Contra a campanha anti-superstição que lançava a igreja católica em 1943 para perseguir os praticantes do vodu, Roumain escreve: a superstição é uma coisa universal, pois isso não precisa fazer uma campanha anti-superstição; ao contrário é necessário engajar-se em uma campanha anti-miséria. Além disso, em exílio, em uma carta a sua esposa, ele escreveu: ‘‘eu prefiro viver esta dura existência em vez de partilhar a facilidade, feita do sofrimento de outros. Categoricamente ele se afastou da sua classe de origem.

Suas publicações refletem as condições da condição da época, que através dessas, ele não parou de criticar os governos de então. Ele foi um dos primeiros no Haiti a interessar às ciências empíricas, sobretudo a etnologia. Aliás, ele foi o fundador do Instituto de etnologia no Haiti. Escreveu livros e artigos científicos, e segundo Hoffman ele publicou 22 poemas em um período de dois anos entre 1927 a 1929. Como romances, ele publicou: *Proie e l’Ombre* (1930), *Fantoches* (1931), *Montagne Ensorcelée* (1931), *Gouverneurs de la Rosée* (1944). Este traduzido em português com o nome de *Donos do Orvalho* foi publicado quatro meses após a sua morte, obra-prima que ia consagrar o seu renome internacional (FARDIN, 2009, HOFFMAN, 1995 JEAN, 2009).

(JEAN, 2012). De ponto de vista literário, este romance foi escrito num período em que romancistas, como Jacques Stephen Alexis, Jean Baptiste Cinéas, Philippe Thoby, etnólogos, sobretudo, Jean Price-Mars defenderam a cultura camponesa (FARDIN, 2009). O livro *Ainsi parla l'oncle*, de Price-Mars, publicado pela primeira vez em 1928 é considerado um apelo à valorização do vodu e da cultura popular, o início de uma produção literária voltada à realidade social e ao imaginário dos camponeses haitianos. Desde então, os romances deste movimento chamado indigenista são etiquetados como sendo de romances que expõem a vida espiritual e moral, e a miséria material e as causas da extrema pobreza do povo. Já que a maioria da população haitiana naquela época vivia no campo.

Portanto, foi nesse período em que parte da inteligência haitiana partiu da ideologia marxista para defender os oprimidos a cultura camponesa (o vodu) que tem raízes na cultura africana e francesa, de um lado, e lutando contra a má governança, o desperdício de recursos econômicos, do outro lado, que Roumain (fundador do primeiro partido comunista haitiano) escreveu o romance *Donos do Orvalho*.

1.1.Situação inicial do romance: O Grito de um povo em agonia

Antes de tudo, é necessário dizer que o romance *Donos do orvalho* expõe a condição de miséria em que vivia uma comunidade rural haitiana, cuja principal atividade era a agricultura e a pecuária. Essa comunidade foi atingida uma seca sem precedência que se transformou em um fenômeno devastador e provocador de uma maldição. O protagonista da narrativa, Manuel, veio de Cuba, onde trabalhou durante quinze anos, com seu *savoir-faire*, seu humanismo, e deu sua vida para mudar esta situação de miséria em que vivia a população.

De ponto de vista estrutural, destacamos três grandes momentos nessa obra. O primeiro momento é a situação de miséria em que vivia a comunidade (tal situação que levou o povo a rezar o Deus, a fazer sacrifício ao loa²¹ para que caia a chuva). O segundo momento iniciou com a chegada do herói, incluindo seus diferentes

²¹ Loa ou Iwa em crioulo haitiano, divindade da religião vodu no Haiti. Os loas do vodu haitiano são ‘os espíritos’ que protegem, que avisam dos perigos, que indicam remédios e, finalmente ajudam nas dificuldades, o que implica, em contrapartida, a obrigação das oferendas regulares e sacrifícios, além de ritos e tabus. Se isso não é feito, o indivíduo será punido pelo loa, ‘ora o loa faz dele um palhaço, ora põe em perigo todos os seus negócios. [...] a suscetibilidade dos loas é tal que qualquer resistência a seu serviço é severamente punida. (DALBERTO, 2014 apud HURBON, 1988, p.123-124). No Haiti é comum ouvir-se ‘tal pessoa tem’ loa, por exemplo, Pablo tem loa quer dizer que Pablo é dotado ou possui espírito da religião do vodu. Este é uma religião similar ao candomblé brasileiro.

empreendimentos para remediar essa situação, e o último iniciou com a morte do herói quando os habitantes ficaram unidos e trouxeram a água à comunidade. A narrativa se dá em terceira pessoa. Embora seja um narrador onipresente na narrativa, que tem domínio sobre a psicologia dos personagens, ele deixa falar os personagens, até chega a certo momento em que questionamos se a narrativa não se centra nos personagens; ou seja, se o centro do romance não se dá na ideia dos personagens.

O romance, *Donos do Orvalho* foi aclamado como uma obra-prima da literatura haitiana – seu humanismo, seu realismo e seu romantismo revolucionário permitem classificá-lo dentre as grandes obras da literatura universal (FERNANDO SEMEDO, 2005). Com este romance traduzido em mais de vinte línguas nacionais e adaptado ao teatro²², Roumain torna-se o primeiro escritor haitiano que atingiu tal notoriedade internacional (HOFFMAN, 1995) tanto por parte do público quanto por parte da crítica. A notoriedade do Roumain é devida, sobretudo, pelo fato de expor através da sua obra a grande miséria da massa popular haitiana e sua fé em um futuro melhor. No entanto, esta fé em um futuro deve passar, primeiro, pelo reconhecimento de que o homem é quem faz sua vida, segundo pelo combite [mutirão] de todos os trabalhadores da terra para erradicar a miséria e planta a vida nova, pois “ninguém deve esmorecer, enquanto tiver braços e vontade de lutar contra a miséria” (ROMAIN, 1954 p.97).

A composição do romance faz da obra muito rica em temáticas e em discursos – também os diferentes discursos utilizados pelo protagonista e o narrador dão a narrativa uma significação particular. O narrador iniciou o romance com o lamento de Delira Délivrance (mãe do herói do romance):

Nós morremos todos: os bichos, as plantas, os animais, os filhos de Deus [...]. E implora a Deus. Mas, inutilmente, pois há tanta gente pobre invocando o bom Deus com tanta força, que uma gritaria grande e aborrecida se forma e chega aos ouvidos do bom Deus e faz berrar: “que diabo de barulho é esse?” E tapa as orelhas. Esta é a verdade, portanto, o homem está abandonado²³.

Com base nessa passagem, há duas observações a serem feitas. Primeiramente, o grito de Delira Délivrance “Nós morremos todos: os bichos, as plantas, os animais, os filhos

²² Em seu famoso estudo intitulado “*Gouverneurs de la rosée*” de Jacques Roumain (1980); Christiane Conturie ressalta e comenta as adaptações teatrais de Senegalês Abdou Anta Ka, do Zaireense Phlippe Elebe-Lisembe e do Martinica Benjamin Jules-Rosette. Em 1964, o cineasta cubano Tomás Guitierrez Alía tirou do *Donos do Orvalho* uma interessante versão cinematográfica em espanhol, *Cumbite*. Também, o romance tem sido objeto, em 1975, de uma má adaptação em francês, para a televisão, de Maurice Failevic (HOFFMAN, 1995).

²³ *Donos do Orvalho*, p.9-10.

de Deus [...]” traduz o sentimento de desespero de um povo em agonia – onde sua única esperança era o Deus e este o abandonou. Trata-se de uma constatação de fracasso e de convite que anuncia, ao mesmo tempo, o fim e o início de uma era. Fim de uma era se dá na medida em que o Deus, a Providência entregou ao homem seu destino, e início de uma era na medida em que o homem torna-se o principal responsável de seu destino. Em outras palavras, é perceptível que o narrador sugira ao homem de forjar seu próprio destino – portanto, é inútil implorar a um Deus – e cabe ao próprio homem de forjar o seu destino. Então seguindo essa lógica, é importante pensar que o narrador desde no início do romance deixa a entender que a religião é algo que impede uma tomada de consciência por parte do povo (FUMAGALLI, 1978). Em segundo lugar, é perceptível nessa passagem que o narrador apresenta uma concepção ampla da vida: homem, animal e coisas são unidos por um mesmo destino – onde a sobrevivência do homem sobre a terra depende do sistema ecológico, do meio ambiente. E que nossas ações sobre o ambiente têm repercussões incontornáveis sobre nossa vida. Então, desde já podemos salientar que é o homem que cria a miséria através da sua atitude diante do meio ambiente ou diante da natureza. Ou seja, como o homem é abandonado por Deus, doravante, ele não pode responsabilizar nenhum ser superior da sua condição de existência. Cabe ao homem, então, cumprir seu destino. Isto será demonstrado mais para frente neste capítulo, mas é necessário deixar claro que essa passagem é a chave para acompanhar o desenvolvimento do enredo da obra.

A situação de miséria, o grito de desespero que abriu o enredo do romance não era devido somente à seca, à divisão do povo onde reinava “cada um por si”, mas também, e, sobretudo, à má governança, à ignorância. Devemos dizer que tal situação descrita era a condição de vida da maioria do povo haitiano naquela época. Pois, como naquela época no Haiti o capitalismo não foi consolidado e – continuando a não ser até hoje – a agricultura era a principal fonte de subsistência da maioria da população. Ou seja, a situação caótica da agricultura impactava negativamente a maioria da população. Assim, a narrativa de Roumain se centra em torno da agricultura e os mecanismos necessários para que a vida renasça não apenas nesta comunidade – Fond-Rouge – mas também para o país inteiro. Já comparando a situação descrita no romance com aquela atual do Haiti, podemos ressaltar que tais situações não são diferentes. Aliás, depois da catástrofe²⁴ do janeiro 2010 o grito: *assez, assez ... c'est assez mon Dieu!* [chega ...

²⁴ Em 12 de janeiro 2010, um terremoto de magnitude 7.3 abalou o Haiti, deixando o país numa situação caótica. Na verdade, não se sabe o número exato de mortos nessa catástrofe. Mas, tanto o governo quanto

chega ... chega meu Deus!] era na boca de muitos haitianos e esse grito é muito semelhante aquele que inicia o enredo do romance: morremos todos: os bichos, as plantas, os filhos de Deus.

Antes de continuarmos com a análise da obra é importante apresentar alguns eixos de análise sobre a situação do Haiti pós-terremoto. Em primeiro lugar, após a catástrofe de janeiro de 2010, o Haiti se tornou visível aos olhos do mundo pelo fato de que foi pela primeira vez que o país atirou tantas simpatias pelo mundo todo. De acordo com Seguy (2014), concomitantemente às imagens de agonias que ocuparam as manchetes das grandes redes mundiais de notícias, e tocaram nas emoções e sensibilidades das pessoas, choveram as promessas de ajuda à reconstrução do Haiti. Com efeito, logo após o terremoto, a propaganda em torno da reconstrução transformou o país em uma república de Organizações Não Governamentais (ONGs). Em fevereiro 2010, um mês após essa catástrofe, o então Primeiro-Ministro, Jean-Marx Bellerive lançou a seguinte acusação contra os financiadores dos ONGs:

São eles que permitem que as ONGs façam o que querem. São eles que não exigem que as ONGs prestem conta ao governo. Toda a força das ONGs vem daqueles que as providenciam em dinheiro. Invés de brigar com 4000 ONGs, número que tem aumentado para 10 000 desde o terremoto, eu prefiro discutir com 10 financiadores principais que oferecem dinheiro a um conjunto de ONGs que criam certo grau de bagunça (SEGUY, 2014, p.27).

Essa passagem evidencia a impotência de um dirigente político que não manda no seu próprio território. Tal impotência por parte do dirigente do país não é diferente daquela expressada por Delira em faces à natureza no início do romance. Se o grito de agonia que iniciou o enredo da narrativa traduz a impotência do povo haitiano, essa acusação do dirigente político traduz igualmente a impotência por parte dos dirigentes haitianos. Como podemos observar através dessa acusação do Primeiro-Ministro, em vez de trazer algumas melhoras, a invasão do país pelas ONGs contribuiu mais a piorar a situação miserável na qual vive a maioria da população haitiana. Uma vez que o governo é impotente, a população é abandonada a si mesma, e, como era o caso na narrativa de *Donos do orvalho*, muitos são aqueles que obrigaram a deixar o país em busca de nova oportunidade. Isso pode explicar em parte o fenômeno do fluxo haitiano que tem chegado ao Brasil, desde o começo de 2012, mesmo sem preocupação alguma de como aqui viverão. Desde anos, a situação de má governança, de corrupção perdurou

as instituições internacionais vigentes no Haiti trabalham com 316 mil mortos, 350 mil feridos e mais de 1,5 milhão de flagelados. Ver: SEGUY, Franck, (2014) **A catástrofe de Janeiro de 2010, a “internacionalização comunitária” e recolonização do Haiti**. Campinas SP: 2014. Tese de doutorado apresentada ao Instituto da Filosofia e Ciência Humana (IFCH). Unicamp

no Haiti, o terremoto de 2010 vem apenas piorar a situação – deixando assim a maioria da população numa condição das mais vulneráveis.

Embora o romance *Donos do Orvalho* tivesse sido escrito na primeira metade do século XX, no Haiti, a situação que o romance apresentou permanece vigente. Aliás, como destacamos acima, o romance foi escrito num momento em que o país vivenciou má governança administrativa, desperdício dos recursos econômicos, corrupção em todos os níveis (JEAN, 2009), também, hoje a governança do país é marcada pela má gestão administrativa, corrupções em todos os níveis, desperdício de recursos econômicos. Tal situação de má governança deixa os mais vulneráveis numa situação de incerteza, leva muitos a fugirem o país em busca de oportunidade e outros estagnam na miséria.

Voltemos agora à análise da situação inicial do romance. Além da situação de miséria, Delira lamentava junto a seu marido, Bienaimée Jean-Joseph, sobre seu filho (Manuel), de quem não têm informações há quinze anos. O caso do seu filho no país estrangeiro era o caso de muitos haitianos naquela época. No momento que eles lamentavam, um menino apareceu. O herói lamentado, Manuel, volta depois de quinze anos de Cuba, onde esteve trabalhando (iniciou-se na solidariedade trabalhadora e na luta sindical, na plantação de cana-de-açúcar explorada para as companhias americanas). É justamente com suas experiências acumuladas, a solidariedade trabalhadora e na luta sindical que ele consegue reconciliar o povo da comunidade.

Então, a chegada do Manuel à comunidade marca um momento decisivo na narrativa; ou seja, sua chegada pode ser considerada como o ponto de partida da tensão interna do romance. Sua chegada e seus diferentes empreendimentos constituem o segundo grande momento no desenvolvimento da narrativa. Nessa linha, vale salientar que a chegada do herói à comunidade orienta a narrativa em duas visões de mundo diferentes: a fé em Deus que pode fazer tudo, e a fé em homem que é o padeiro da sua vida. Essas visões são a dos personagens principais e a dos personagens secundários – são justamente essas duas visões que impactam a narrativa como iremos discutir na seção a seguir.

Desse ponto, devemos ressaltar que o Haiti tem como religião predominante o catolicismo romano, seguido pelo protestantismo. Porém, mais da metade da população é também praticante de vodu²⁵. Em consequência hoje a concepção do mundo

²⁵ O vodu é uma religião que é praticada desde o tempo da colônia. Se durante da colônia ele foi praticado de maneira discreta, pois ele foi proibido, após a independência ele sofreu enormes perseguições por parte

predominante no imaginário haitiano é a de que o Deus pode fazer tudo, a da providência. Nessa mesma linha, Micial (1995), no seu livro, *Réligion et Politique en Haiti (1804-1990)* demonstra pela análise das estruturas socio-políticas e religiosas que a religião no Haiti preconiza a evasão ou o desinteresse pela vida desta terra, e que viver-se na dificuldade socioeconômica é condição *sene qua non* para o paraíso.

2. A produção e a reprodução do mal-estar e da miséria no Haiti.

[...] A vida é um fio que não se quebra, que não se perde [...] Porque cada homem que vive dá um nó nela. Este nó é o trabalho que ele fez e é isso que dá vida à vida pelo século dos séculos: a serventia do homem sobre a terra (Donos do Orvalho, p.223).

Segundo os resultados do último Censo de Instituto Haitiano de Estatística e de Informática (IHSI) de 2013, a população haitiana foi estimada em dez milhões quinhentos setenta e nove mil duzentos e trinta (10. 579. 230) habitantes com uma taxa de 50.20% de urbanização²⁶. Com base nesse dado, cerca metade da população haitiana é rural e que a principal fonte de receita do país é a agricultura, já que é sabido que o Haiti é um país essencialmente agrícola.

Contudo, se desde na primeira metade do século XX – como expõe exaustivamente o romance *Donos do Orvalho* – a situação da agricultura no Haiti era caótica, pois os agricultores estavam abandonados a si mesmos, esperando a chuva para cultivar a terra – hoje em dia, tal situação não é diferente. A agricultura permaneceu enquanto subsistência, pois não houve inovação e nem projeto de modernização; ela fica vulnerável aos danos tais como: tempestades, inundações, secas periódicas. Nessa linha, a personagem Delira na narrativa expõe exaustivamente em qual situação ficava a agricultura: “a seca nos engoliu; todo morre: os animais, as plantas, os filhos de Deus. Da manhã a noite, nem uma gota de chuva no céu. Será que o bom Deus se esqueceu da gente”²⁷? Como não há uma gota de água, a terra fica seca, a agricultura é ameaçada (FRANÇOIS, 2007), os habitantes massacraram as árvores para fazer carvão, as

da religião ocidental (catolicismo e protestantismo, muito presentes no Haiti) até final do século XX. Durante este século de acordo Hurbon 1975 a maioria da população haitiana praticava o vodu, a taxa foi estimada entre 85% a 90% só muitos deles praticavam-no discretamente. Hoje não tem uma estimativa sobre o número exato da população que pratica o vodu, mas muitos cristãos sejam do catolicismo ou do protestantismo acreditam nele e, às vezes, o praticam discretamente.

²⁶ IHSI – Institut Haitien de Statistique et d’Informatique. Recenseamento 2013 apud MSPP – Ministère de La Santé Publique et de la Population, Rapport Staistique 2014.

²⁷ *Donos do Orvalho*, p.38.

florestas ficam devastadas. Eles não sabiam que deviam proteger o meio ambiente, a natureza – não sabiam ao massacrarem as árvores haveria um impacto sobre sua vida, “que os morros não deveriam ser descarnados, carcomidos por largas regras alvacentas onde a erosão lhe pusera os flancos a nu até as rochas”²⁸, e quando fazem isso é a sua própria existência que está sendo ameaçando. Se essa situação de miséria é devida à falta da chuva, é que implicitamente o autor queria mostrar até que ponto o povo se mostra impotente, ignorante; ou seja, como um povo vivia com falta de conhecimento para transformar a Natureza. Tal falta ou a impotência de transformar a sua realidade faz com que o povo associe todo à maldição divina, à Providência como veremos neste trecho:

Bienaimée: O senhor é o Criador, não é? Responde, o Senhor é o Criador do céu e da terra, não é mesmo? – Pois bem, a terra está cheia de dor, a terra só tem miséria. Então é Deus que fez a dor, que fez a miséria. Delira: não me atormentes, excomungado. Não. Chega, não, o que eu já tenho de preocupação? Conheço a miséria, meu corpo todo me dói, meu corpo todo é um ninho de miséria. Não preciso que me agourem com a maldição do céu e do inferno²⁹.

Nesse ponto, é possível observar uma relação estreita entre a miséria na qual vivia a população e a sua fé num Deus. Tal constatação é, ainda, muito presente no Haiti. É bastante comum encontram-se haitianos que associam qualquer catástrofe, qualquer acontecimento natural à maldição divina. Vale dizer, nessa altura que, depois da catástrofe do janeiro 2010, a despeito de que o Haiti é um país laico, em vez de tomar decisões de Estado para evitar consequências desse tipo em qualquer possível desastre natural – pois catástrofe em si não é um problema, o problema é como enfrentá-la, como limitar suas consequências – o então governo decretou três dias de jejuns nacionais. Jejuns nacionais para oferecer o país a Deus, disse o governo. Nós, haitianos, somos imponentes; somos ignorantes, vamos rezar ao bom Deus, vamos fazer jejuns durante três dias para que possamos ficar inunes às maldições divinas: a nosso ver, é assim que pode-se interpretar a iniciativa do então governo que decretou três dias de jejuns nacionais. Muitos haitianos se enganaram por terem pensado que o terremoto que abalou o país ia ser tomado como ponto de partida para construir, de uma vez por todas, um país onde seus filhos viveriam com orgulho. Após o terremoto muitos tinham pensado que o governo ia tomar decisões para impedir a construção de moradias em qualquer lugar e de qualquer maneira – ia conscientizar o povo a se comportar melhor

²⁸ Donos Orvalho, P.27

²⁹ Donos do Orvalho. P.8

face as possíveis catástrofes, ia desenvolver programas de proteção do meio ambiente, mas voluntariamente essas pessoas que tinham pensado assim se enganaram por não terem pensado, acima de tudo, que, nós haitianos, somos de um país onde é a ignorância que está no poder.

Com essa ideia de impotência ou de ignorância, queremos ressaltar que através dessa narrativa, Roumain mostra como por falta de conhecimento, de imaginação a agricultura – principal receita do país – depende da chuva, tal situação que permanece até hoje. Dá-se a entender, portanto, um pouco o porquê até hoje a condição de existência de muitos haitianos se torna cada vez mais miserável.

Se no romance encontra-se que quando houver seca, o povo fica esperando a chuva, implorando e rezando a Deus, fazendo sacrifício ao loa³⁰ para que caia a chuva é por causa da ignorância. O grito de desespero “nós morremos todos: os bichos, as plantas, os animais, os filhos de Deus” que abriu o enredo da narrativa, traduz não só impotência, mais também, e, sobretudo, ignorância de um povo. Nessa mesma lógica, a acusação do ex-Primeiro-Ministro Jean-Marx Bellerive contra os grandes financiadores de ONGs que destacamos acima não traduz somente impotência, mas também ignorância. No primeiro caso, todos os personagens da narrativa sabiam que falta de água para a produção agrícola, que eles não deviam massacrar as árvores, mas por ignorância, eles preferiam jogar a culpa em Deus em vez de comportarem-se diferentemente diante da natureza. No segundo caso, os dirigentes haitianos buscam sempre jogar a culpa em alguém enquanto que é da sua responsabilidade aplicar a lei para governar e administrar o país adequadamente. No entanto, por ignorância, incompetência ou impotência eles preferem fazer acusações loucuras.

Voltemos à ideia da agricultura. Ao chegar à terra natal, Manuel viu sua cidade, Fonds-Rouge, devastada pela seca e pelo desmatamento e os habitantes divididos em dois clãs hostis à história do compartilhamento de terras. O herói, Manuel, como Redentor vem de fora – vindo do Cuba, ele é um estrangeiro, mas é da cidade, (FRANÇOIS, 2007). É a sua chegada que vai orientar todas as ações do livro. A população vivendo na submissão total da miséria, o herói vem. Então, o que faria? Essa pergunta é a chave para acompanhar o desenvolvimento da narrativa.

³⁰ Loa ou lwa, em crioulo, e na cultura haitiana refere-se aos espíritos do vodu no Haiti. É comum ouvir-se no Haiti: “tal pessoa tem loa”, por exemplo, Pablo tem loa quer dizer que Pablo está dotado de um espírito, ou seja, Pablo possui o espírito da religião do vodu. O vodu é uma religião similar ao candomblé brasileiro.

Diagnosticando o problema, além da falta de água, o herói se deu conta que essa situação de miséria é devida principalmente à falta de conhecimento, à falta de imaginação por parte dos habitantes. Com efeito, achou uma fonte de água, mas para consegui-la é importante armar-se de coragem e de *savoir-faire* para buscá-la e trazê-la na cidade. Ou seja, na visão do narrador mudar a situação requer uma investigação científica.

Como já foi destacado até aqui, é possível pensar que a narrativa de Roumain é organizada em torno de um elemento principal: a terra. Claramente aparece na narrativa que a miséria da comunidade é devida à falta de água, de fraternidade, de solidariedade entre os camponeses; mas implicitamente não foram estas que faltavam para mudar a sua situação de miséria na qual eles viviam, foi de preferência o conhecimento racional. Embora tal interpretação apareça implícita, ao seguirmos a postura do Manuel (o protagonista do romance) nos daremos conta disto exaustivamente. A passagem a seguir pode ser útil para ilustrar essa tese:

Eu conheço meus compatriotas – eles têm cabeça dura e teimosa [...]. Mas quando um homem não pensa pela cabeça, pensa pelo estomago, ainda mais quando ele está vazio. É por aí que eu pego essa gente: o interesse é o fraco deles. Chego e falo a cada um. Não pode engolir um cacho de uvas de uma só vez, mas grão a grão, é fácil³¹.

Com base nesse trecho é possível dizer que a água é utilizada na narrativa como metáfora a que o autor recorreu para inculcar ao povo conhecimento de que o homem é o padeiro da sua vida. E a vida é vivível só através da inclusão, do compartilhamento de certos valores, certos *savoir-faire*. É interessante notar que o ponto fraco evocado pelo herói é, ao mesmo tempo, ponto forte noutra perspectiva na medida em que tal é o ponto que precisa ser trabalhado mais para chegar ao resultado esperado. É verdade que todo mundo sabe a necessidade da água, mas como os camponeses dividem-se em clãs hostis tal trabalho se mostra cada vez mais difícil.

Uma vez que identifica a fonte de água que permitiria a irrigação, Manuel se põe a trabalhar para conseguir unir os habitantes a juntarem-se para escavar o canal, o qual traria a água salvadora à cidade. Ele pregava, então, a união, a reconciliação, a fraternização entre os habitantes. E para dar o exemplo, ele se relacionou com a Annaíse (jovem da facção inimiga, com quem vivera um grande amor), afirmando-se sua subjetividade e autonomia. Foi principalmente com a ajuda dessa jovem da facção inimiga, que conseguiu reconciliar os habitantes e os convenceu a juntarem-se para

³¹ Donos do Orvalho, p.142

escavar o canal. Assim, para entender a mensagem ou o discurso da narrativa, é necessário levar em conta a busca da água que está expressa de maneira bem explícita ao longo da narrativa. No entanto, devemos ressaltar que a água é utilizada apenas como metáfora simbólica; e, a fraternização, a união entre os habitantes, a reconciliação são recursos necessários para conseguirem trazer a água na cidade. A metáfora simbólica – a água – e os recursos para consegui-la se giram em torno do conhecimento abstrato, da imaginação. Ou seja, o essencial da narrativa é o conhecimento, o homem deve utilizar seus conhecimentos para criar um mundo onde ele vivera tranquilamente.

Nessa linha, de acordo com Fugamalli Lorenzon (1978) a busca de água pelo protagonista é duplamente simbólica: sua luta contra as forças naturais não é apenas tentativa de enfrentar as dificuldades do sol, ela é, sobretudo uma luta lançada contra as superstições que impedem uma tomada de consciência por parte do povo haitiano. Pois, para o herói, há coisas do céu e coisas da terra, e ambas são diferentes: “enquanto o céu é dos anjos bem-aventurados, a terra é dos homens que precisam lavar, plantar, limpar, regar até a colheita. É uma luta do dia a dia, uma batalha sem descanso”³². De um lado, há o modo dos humanos, da ciência; do outro lado, aquele do Deus, da Providencia. De um lado, o ritmo de estação, as nuvens que trazem chuva e, do outro lado o trabalho lançado pelo homem. Todavia, para ele: “só tem um meio de salvação, só um, não tem dois: é refazer a amizade da boa família de vizinhos, de irmão a irmão aguentar tudo juntos, nossas pernas e nosso trabalho de camaradas a camaradas”. Isto posto que o homem seja convidado a conquistar o que o Céu lhe recusa, mas ao mesmo tempo continuar respeitar as tradições como podemos dar conta na seguinte passagem:

tenho considerações com os usos antigos, mas o sangue de um galo ou de um cabrito não pode mudar a direção das nuvens e enchê-las de água. Na outra noite, na festa de Leba (cerimônia sacramental do vodu) dancei a vontade. Tenho origem africana e cai na festa como negro de verdade. Quando os tambores batem, eu sinto um vazio no estômago, e uma comichão na altura dos rins, e eletricidade nas pernas. Assim, preciso entrar na roda. É só isso, nada mais³³.

Através essa passagem é perceptível que o herói não ignora a tradição, sabe que ela é importante. Sendo assim, se existe uma arqueologia do vodu ela é inscrita no próprio corpo do vodouisant (o praticante do vodu) através de símbolos, dos ritmos das danças (HURBON, 1975). Nesse aspecto, a luta lançada pelo herói contra as superstições que impedem uma tomada de consciência por parte do povo haitiano não faz do romance

³² Donos do Orvalho. P.36-37.

³³ Donos do Orvalho, p.96.

uma narrativa de um anticristão e antivodu, ou, em outras palavras, não se trata de um romance antirreligioso; apenas o herói contesta as práticas religiosas no país. Mostrando que a religião deve ser entendida como diversão e não como um refúgio para nosso problema, ainda menos como instrumento de resignação.

A narrativa expõe este povo que vivia numa situação de pobreza, na falta de bem material, e para retirá-lo dessa situação nada é mais importante que mude a condição socioeconômica dele: fatos que o protagonista do romance reconheceu. Mas, para esse efeito, conhecimentos abstratos e racionais, imaginações, a fé em homem são coisas necessárias para conseguir melhorar sua condição socioeconômica. O herói, consciente disso, utiliza a água como elemento concreto, símbolo de vida para sensibilizar, para incentivar o povo a ser consciente, a utilizar seu racionalismo em vez de recorrer à religião para resolver sua situação de pobreza. Sendo assim, é possível destacar que o conhecimento racional, a imaginação é a pedra central para conquistar o bem material. É por este motivo que o herói passa a inculcar ao povo conhecimentos abstratos racionais, para sensibilizá-lo a fim de concretizar seu projeto. Como veremos:

Somos pobres, é verdade, somos infelizes; é verdade somos miseráveis: é verdade. Mas, sabes por quê, irmão? Por causa da nossa ignorância: não sabemos ainda se somos uma força, uma força única: todos os camponeses, todos os negros das planícies e dos morros juntos reunidos. Algum dia quando a gente meter na cabeça essa verdade, nós nos levantaremos de um canto a outro do país e faremos a assembleia geral dos donos de orvalho, o grande coumbite³⁴ (mutirão) dos trabalhadores da terra para acabar com a miséria e plantar a vida nova³⁵.

Além de demonstrou a necessidade de se juntar, de unir-se, o que vale observar nessa passagem ainda é que o herói insiste sobre a ignorância dos habitantes, assim ele busca convencê-los pelo raciocínio. Ainda é importante considerar a passagem a seguir em que envolve uma conversa entre o herói e a Annaíse:

a experiência é o cajado do seco e eu aprendi uma coisa: o importante, se queres saber, é a revolta, é saber que homem é quem faz a vida como o padeiro faz o pão. [...] Annaíse: ah, aqui a vida faz da gente o que quer [...]. Manuel: porque vocês são uma massa resignada, diga isso. Annaíse: mas o que é que você se pode fazer? Se a gente não tem recurso nem remédio para a

³⁴ Combite é uma palavra muito usada no Haiti que pode ser traduzida em português por mutirão. Designa geralmente uma associação ocasional, reagrupando trabalhadores que vêm trazer seu socorro a parentes ou vizinhos no trabalho da terra. Não se trata de um trabalho remunerado, somente o organizador oferece bebida e comida, devendo trazer também seu socorro quando alguém que participa nesse combite vier a realizar outro. Isto acontece no tosquiado de erva para a plantação, e às vezes no trabalho da ordem pública para a comunidade.

³⁵ Donos do Orvalho, p. 80.

miséria? Que queres? A sorte? Manuel: não, ninguém deve esmorecer, enquanto tiver braços e vontade de lutar contra a miséria³⁶.

Os exemplos são o que não faltam para mostrar como o protagonista se esforçou a inculcar conhecimentos abstratos e racionais ao povo. Evidencia nessas passagens que qualquer prática precisa ser precedida pelo conhecimento abstrato. Ao longo da narrativa ele não falta de insistir sobre o que o povo deve saber para sair da situação de miséria: “nós ganhamos a luta, somente se estarmos unidos, fundidos num só bloco como as montanhas, não há força na terra nem no inferno que possa abalar e acabar com ela”³⁷. Com o seu *savoir-faire*, sua experiência, o herói não falta momento nenhum a enfrentar o senso comum; tornou-se assim, a meu ver, um modelo de intelectual-dirigente político que reflete, de alguma forma, as lutas empreendidas pelo próprio autor do romance, convencendo-se mais do que nunca que para executar o projeto é preciso ir ao encontro do outro, e preciso ganhar a confiança do outro. Nesse parâmetro, Manuel [protagonista da narrativa] seria, portanto, o herói moralizador positivo que o Haiti pós-terremoto precisa para renascer das suas cinzas.

Ao longo da narrativa o herói, o narrador, fazendo-se passar por um sábio, um educador, definindo conceito para os habitantes a fim de convencê-los. Enquanto os habitantes da comunidade partilham a ideia de que a vida é uma caminhada sem perdão pela miséria, e que não tem consolo, o protagonista insistia: a gente tem um consolo: a terra é teu pedaço de terra feito para a coragem de teus braços, com tuas árvores frutíferas em roda, teus animais no pasto, todas as tuas necessidades ao alcance da mão e tua liberdade, que só depende da estação, boa ou má, da chuva ou da seca. Ainda ele deixa a entender que a vida é um fio que não se quebra, que não se perde e cada homem que vive precisa dar um nó nela, expondo para conhecimento que “a resignação é uma traidora; é o mesmo que o abandono. A gente fica de braços quebrados, esperando o milagre e a Providência, de rosário na mão sem fazer nada, reza pela chuva”³⁸.

Nessa altura, é essencial insistir que na narrativa há corpo a corpo duas visões do mundo diferentes: a do povo que é aquela dos personagens secundários (Bien-aimée, Gervilien, Josaphat, Hilarion, etc.) e a do herói Manuel que é compartilhada por personagens como Annaïse, Delira, Laurien. Com efeito, podemos formular a tese central da narrativa assim: o conhecimento é fonte da riqueza de um povo, isto é com

³⁶ Donos do Orvalho, p.97.

³⁷ Donos do Orvalho, p.100.

³⁸ Donos do Orvalho. p.51-52.

conhecimentos abstratos racionais podemos viver na sociedade, no mundo que nós queremos, e a ignorância a da sua miséria.

Então, a miséria, o mal-estar, a impotência do homem a transformar a natureza aparece na obra como consequência de falta de conhecimentos abstratos racionais por parte do povo. Incentivar os homens a trabalhar é, segundo o autor, o verdadeiro meio para a tranquilidade, para a paz social. De outra forma, é perceptível que a miséria, o mal-estar, a situação caótica apresentada na narrativa é resultante principalmente da ignorância tanto do povo quanto do então governo. Ignorância na medida em que eles não sabiam – como disse o protagonista da narrativa – que a vida é um eterno retorno revolta e que as consequências das suas ações teriam impacto negativo sobre sua vida. Enfim, embora muitos elementos da obra convergissem para a questão de união, reconciliação, fraternização, ela dá a entender que o autor coloca o conhecimento racional e a imaginação acima de tudo para resolver qualquer os problemas da humanidade.

3. A dimensão transcendental do protagonista da narrativa.

não é possível! Pode-se abandonar a terra, dar-lhe as costas, romper com ela, sem perder o fio da vida, ou o uso das mãos e o gosto de viver? (Donos do Orvalho, p.122).

Manuel é um personagem que possui todas as características de um pesquisador (um cientista social) (DAMUS, 2013). Desde sua chegada de Cuba, ele não deixou de observar a cidade: “desejara ver a situação e, com efeito, eu via agora ”³⁹, (a terra, as plantas, os animais, os seres humanos estão em situação miserável). Diferentemente aos outros personagens, ele não associou a causa de misérias à divindade, mas ao comportamento do homem:

[...] não é possível! Pode-se abandonar a terra, dar-lhe as costas, romper com ela, sem perder o fio da vida, ou o uso das mãos e o gosto de viver⁴⁰? Passei parte da noite sem dormir: estava sem sono e sem sossego, de tanto pensar. Eu imaginava: Manuel, como sair dessa situação miséria? Quanto mais bolia a casa em minha cabeça, mais via que só tem um caminho de boa direitura: é preciso descobrir a água⁴¹, e queria morrer se não escavasse as veias até encontrar água.

³⁹ Donos do Orvalho, p.56

⁴⁰ Donos do Orvalho, p.122.

⁴¹ Donos do Orvalho, p.58.

Como pesquisador, ele construiu seu projeto e seus procedimentos para alcançá-lo. Através desse projeto de irrigação, pretendeu transformar a mentalidade dos habitantes, mas primeiro precisa descobrir a água. Assim, firmou seu pacto: “vou encontrar a água e botar nela o cabresto de um canal, para que ela desça até a planície. Quem jura, sou eu, eu mesmo, Manuel”⁴².

Uma vez achou a fonte de água, o herói buscou ajuda a fim de trazê-la à comunidade. Compartilhando seu projeto com Annaíse e com Laurivoire, ele recebeu ajudas destes últimos para sensibilizar e conscientizar os habitantes a se juntarem para trazer a água na comunidade. No entanto, apesar de todos os habitantes saberem da necessidade da água, o herói encontrou enorme resistência por parte tanto do seu pai, Bien-Aimée, do seu rival, Gervilien quanto do Hilarion, o oficial da Polícia Rural. Se Bienaimé acolheu a ideia da água com braços abertos, ele ficou oposto categoricamente à intenção de distribuir a água a todos os moradores; e quando Manuel lhe disse:

a gente só nunca que termina esse trabalho: os mourões que temos que cotar, carregar, fincar; um carnal bem largo, cortando a baixada e o bosque que vai ter de ser desbastado para a água passa. E, além disso, a água não é uma propriedade, não se mede, não se registra em cartório, é um bem comum, é a benção da terra. Que direito a gente tinha...^{43?}

Nem deixou o seu filho concluir, interrompendo-lhe para dizer: “o direito de que foste tu quem a achou – gritou – o direito de que os inimigos não tem direito”. Ainda essa passagem evidencia a ideia de conhecimento racional que predomina na narrativa implicitamente e, por sua vez, a água é utilizada na narrativa apenas como um adjuvante, um símbolo para inculcar estes conhecimentos abstratos e racionais ao povo. E quando, o herói persiste sobre a necessidade da coletividade, Bien-aimée o ameaça: “não quero ouvir nada. E, se tu continuares, eu te escorcharei a pauladas”⁴⁴. Desde então, o Bien-aimée se afastou da narrativa e do projeto de irrigação. Mas, apesar de muitos obstáculos Manuel se mostra determinado a superá-los – continuando seu trabalho de conscientização como se nada tivesse acontecido entre ele e seu pai. Sendo assim, desde no início ao casar-se com a jovem da fração inimiga (a Annaíse), ele se mostra sujeito autônomo – característica essencial da subjetividade ou do sujeito. É um dos grandes méritos do romance: a afirmação subjetividade autonomia tanto por parte do Manuel herói do romance, quanto por parte da sua mãe, Délira, da sua mulher, Annaíse.

⁴² Ibid.

⁴³ Donos do Orvalho, p.143.

⁴⁴ Donos do Orvalho, p.144.

Além da oposição do seu pai, ele encontrou outros obstáculos, como podemos anotar no trecho seguinte:

[...] naturalmente, todo esse assunto de água e de encontro com o povo chegara aos ouvidos de Hilarion; e não lhe agradara, nem um pouco. Se os lavadores conseguissem irrigar suas terras, recursar-se-iam a entrega-las em pagamento de dívida e de empréstimo a juros [...] O primeiro passo era cuidar de Manuel. De qualquer maneira era um mau elemento, um homem perigoso que espalhava palavra de revolta entre os moradores. Era preciso meter Manuel na cadeia de povoado. Em seguida, deixaria os camponeses secar de esperar e quando tivessem perdido todo o animo e toda experiência ⁴⁵.

Com base nessa citação são perceptíveis as ameaças que foram feitas ao herói por parte das autoridades da comunidade. As autoridades sabiam claramente a relevância do projeto, mais por interesse pessoais, eles se opuseram. Aliás, o herói estava passando perto da casa do chefe da polícia rural, Hilarion, quando o último lhe chamou e disse: “Manuel! [...] Parece que tu andas falando demais. Pois bem, as autoridades não estão gostando do que andas espalhando. São palavras de revolta. Depois tu não vás dizer que não te preveni”⁴⁶. Essas passagens evidenciam os tipos de obstáculos que o herói encontrava na sua tentativa de executar o projeto. Tais práticas eram muito comuns na política do Haiti – políticos ou autoridades estatais se opõem a projetos que têm objetivo comum em favor de interesses individuais ou particulares são ainda práticas vigentes na realidade sociopolítica haitiana. Isso explica como o autor cristaliza práticas sociopolíticas na sua narrativa. Em seguida, Manuel enfrentou o seu principal rival, Gervilien. Aliás, o pai deste foi executado num conflito oposto ele e a família do herói. Quando o herói disse que temos um jeito de sair dessa miséria: é acabar com o desacordo; o seu rival, Gervilien, gritou: “coisa de sangue não acaba nunca, o sangue de Dorisca que correu, era o meu pai” – assim não queria ouvir essa questão da reconciliação, da união para trazer a água na cidade. Além de ameaçar o herói, ele critica os habitantes que, segundo ele, vendem sua consciência por uma gota de água. Com tal comportamento desse personagem, percebemos, portanto, que a tensão interna na narrativa era inevitável.

Então, apesar de muitos obstáculos Manuel chegou a reconciliar o povo; pois no último encontro que aconteceu na casa de Larivoire, a maioria dos habitantes aceitou de juntarem-se para escavar o canal o qual traria a água na cidade. Gervilien deixou esse encontro com esmagado, e emboscado para assassinar o herói. Efetivamente, ele o assassinou. Após fugir sobre o pretexto de que o herói tinha morrido em agonia o herói

⁴⁵ Donos do Orvalho, p.164.

⁴⁶ Donos do Orvalho, p.87

conseguiu chegar à sua casa e contou a sua mãe o que se passou. Temendo a discórdia entre o povo, a despeito das insistências da sua mãe para saber o nome do assassino para avisar o chefe da polícia do distrito (Hilarion), ele a exorta a não revelar o nome do assassino:

[...] si tu avisares Hilarion, vai dar de novo a mesma historia de dois clãs inimigos, de Sauveur e Dorisca. O ódio, a vingança entre os vizinhos. Vai-se perder a água. Vocês fizeram sacrifícios aos loas, ofereceram sangue de cabrito de galinhas para chover, não adiantou nada. O que vale é sacrifício de homem. É o sangue do Negro. Procura Larivoire conta a ele qual a vontade de sangue que correu: a reconciliação - a reconciliação para que a vida recomece. Para que o dia possa nascer sobre o orvalho. E cantem no meu enterro, um canto de mutirão⁴⁷.

Esta passagem foi a última fala do herói. Há duas observações importantes a ressaltarem nesse trecho: a ideia da justiça e a dimensão transcendental da narrativa. Primeiro, começamos pela dimensão transcendental. Com base no que já foi dito até aqui, é possível entender a dimensão transcendental do romance como algo que é, ao mesmo tempo, supra-humano e trágico. Supra-humano na medida em que ele se mostrou fora do comum. Nesse ponto, François (2007) escreve que há algo em *Donos de Orvalho* que faz lembrar a tragédia clássica. Esse aspecto se encontra repetido, de alguma forma, intrigado parecido ao de Édipo Rei. A sombra do destino, da fatalidade está presente, recorrente, e permanente; com o mesmo peso, a mesma agressividade, ela se plana sobre os habitantes de Fond-Rouge, e os habitantes são impotentes para reverter o corrido das coisas, (FRANÇOIS, 2007). Nessa mesma linha, e, num contexto mais amplo, tendo em vista os escritores do Indigenisme Haitien, Price-Mars (1959) aponta que é pela primeira vez, os poetas entusiastas e temários retomarão o eterno tema do homem fraco e indefeso diante do destino implacável que vai levá-lo a sua queda infalível por uma reinterpretação da Antígona e de Édipo Rei de modo que as multidões contritas cedem mais uma vez à miséria humana, que estão multidões são gregas ou haitianas.

A nosso ver, no entanto, não se trata aqui de um destino, nem de fatalidade, mas, como diz o próprio protagonista da narrativa: é o homem por sua ignorância que abandona a terra e recebe seu castigo (a seca, a miséria, o desconsolo). É verdade que há uma dimensão trágica na narrativa, mas tal dimensão do romance tem a ver com a morte do herói, e sua morte, de alguma forma, pode ser comparada àquela de Jesus Cristo que veio na terra e deu seu sangue, sua vida, para salvar a humanidade. Foi, de certos modos, o que aconteceu com o Manuel, veio do Cuba, encontrando uma situação

⁴⁷ *Donos do Orvalho* p.186.

insuportável, deu seu sangue para salvar o povo, sua morte nada tem a ver com a fatalidade, mais com o próprio querer do homem.

Além do lado trágico da morte do herói, é possível interpretar a atitude do herói como um Redentor. De acordo com Damus (2013), Manuel é um personagem que tem uma dimensão messiânica. Ele foi sacrificado no altar do ódio implacável de Gervilien. Morreu pelo amor dos outros, pelo sua contabilidade ambiental, pelo seu sentido de bem-estar dos outros. Não revelou o nome do assassino porque ele achou se revelasse o nome dele todos os obstáculos que enfrentou para encontrar a água não teriam nenhum sentido. Aceitou de morrer porque ele havia cumprido sua missão.

Em consequência, como o nome do assassino não foi revelado, os habitantes ficariam unidos e trariam a água salvadora em Fond-Rouge e dias melhores para a comunidade. Então, a dimensão transcendental é imbricada pela noção da justiça. Esta não aparece no sentido clássico do termo onde um juiz compensa ou pune segundo as leis estabelecidas, mas trata de uma justiça que vê a questão de punição ou recompensa como algo que pode entrar a união, a fraternidade entre o povo. Todavia, ao invés de ocupar-se em fazer justiça que pode apenas à primeira vista parecer uma necessidade de coisas abstratas, o herói escolheu a não reclamar justiça. A nosso ver, a noção da justiça enfraquece a narrativa, ou seja, a questão da justiça é o ponto fraco da narrativa. Pois, para nós, o fato de o nome do assassino não foi revelado pode incentivar mais casos desse tipo; ou seja, é encorajar a impunidade. Uma sociedade não pode funcionar sem lei que regulamenta os comportamentos dos indivíduos. Eis uma das grandes críticas que proferimos a essa narrativa.

Continuamos com a análise dessa dimensão da narrativa, importante analisar a postura de Delira e de Annaïse respectivamente mãe e mulher do herói, Manuel. Após exortou sua mãe a não relevar o nome do assassino, Manuel faleceu sem a inauguração da entrada da água na cidade. No entanto, como assassino não foi revelado, os habitantes ficaram unidos e trouxeram a água salvadora em Fond-Rouge e dias melhores renascem para a comunidade. Após a morte do seu filho, Delira se põe em trabalho para salvar a água – ela se mostra uma personagem fora do comum como notamos no trecho a seguir:

eu vim dizer a vocês a última vontade de meu filho – ele falava comigo, mas estava se dirigindo a vocês todos: cantem meu luto –me disse ele- cantem meu luto com um canto de mutirão. Canta-se o luto, é costume, com os cânticos dos mortos, mas ele, Manuel, escolheu o canto da terra, das plantas,

da amizade entres os camponeses, porque ele quis, agora é que eu vejo, sua morte seja o começo da vida para vocês todos⁴⁸.

Ainda essa passagem evidencia a dimensão transcendental da narrativa e faz-nos voltar à sua tensão interna. Trata-se da tese segundo a qual o romance, *Donos do Orvalho*, opõe duas visões de mundo: a fé na Providencia e a fé no Homem. Enquanto, decorrem da primeira submissão, impotência, miséria, esperança de um futuro melhor, do segundo decorre o *savoir-faire*, o conhecimento abstrato racional para transformar sua condição de existência. Pois, como ressaltou o herói: na terra é uma luta dia a dia, um trabalho sem descanso; lavrar, plantar, limpar, regradar até a colheita. De um lado, há o mundo dos homens, do outro lado, aquele de Deus ou dos Anjos, dos bem-aventurados, da Providencia. Da primeira visão, decorre o raciocínio de que as nuvens que traguem a chuva, e da segunda, o trabalho árduo do homem (FRANÇOIS, 2007). É através do trabalho árduo que o homem pode se libertar da miséria, do mal-estar: o homem é o padeiro da sua vida – para tomar a própria expressão do herói.

Então, a narrativa vai à contra mão da ideologia que faz de Deus o principal responsável de miséria, de infelicidade, de felicidade do homem, que nossas misérias dependem de nossos pecados. Ou seja, a tese central da narrativa contrapõe-se à ideia da Providência: é porque somos todos pecadores que os deuses nós abandonam, e em consequência, o homem não tem consolo – ele tem que viver na miséria. Ao contrario, o texto mostra que o homem é quem faz, é quem é o principal responsável da sua própria vida, visando assim construir sujeito autônomo que possa forjar o seu próprio destino para isso, ele necessita conhecimentos abstratos racionais, da ciência, de técnica. Através dessa narrativa Roumain interpela o homem para erradicar a miséria sem recorrer à força divina (à Providência), deixando entender que para viver bem nesse mundo, é necessário fazer de milagres e tais milagres não devem ser as obras de nenhuns deuses; mas as do homem.

É importante notar como a execução prática precedeu uma elaboração teórica, intelectual. Decidir-se pelo prosseguimento da construção do canal, ao invés de flautar entre as lembranças dos bons dias do passado e o desespero causado pelas suas próprias atitudes faces à natureza. No entanto, sem conhecimento racional, sem abstração, sem teoria, as prioridades não poderiam ser encontradas: haveria sangue, interesses, a permanência da necessidade de chuvas para irrigação da plantação. Foi necessário que

⁴⁸ *Donos do Orvalho*, p.217.

alguém pensasse à frente dos outros para que a situação pudesse vislumbra alguma melhora.

4. Configuração da identidade social dos personagens em *Donos do Orvalho*.

Os desgraçados trabalham ao sol e os ricos gozam à sombra; uns plantam outros colhem [...].
(*Donos do Orvalho* p.147)

Para traçar o perfil dos personagens da narrativa, é necessário discorrer um pouco sobre a estrutura social do Haiti. Lembra-se que a independência do Haiti foi feita pelos antigos escravizados e o principal meio de produção do país era a terra. No entanto, após a independência, não houve uma distribuição de terras equitativa entre os antigos escravos. O grupo que tinha a dominação das lutas tomou boas partes das terras irrigáveis para ele, e o grupo que não tinha se refugiou nas montanhas – o país é montanhoso, já que a palavra Haiti significa terra montanhosa, (SEGUY, 2014). Desde então, cria-se no país uma burguesia proprietária herdada do sistema escravagista e uma classe de camponeses que organizam uma agricultura de sobrevivência nas montanhas. Então, viu-se a sociedade haitiana fundada sobre esta divisão: Cidade/Campos, Cidadino/Camponês. Até o início da década 90 do século XX, no certidão de nascimento haitiano apreço essa divisão: cidadão para quem nasceu na cidade, paysan para quem nasceu no campo. A denominação paysan era discriminatória, prejudica muito aqueles que viviam em campo. Se hoje ela não está vigente na certidão de nascimento, a realidade da paysannerie haitiana permaneceu tal qual era. Pois, o campo é caracterizado pela ausência de serviços básicos (água portátil, centro de saúde, escola, saneamento, etc.) – a realidade daqueles que vivem no campo é muito precária. A burguesia, dos primeiros dias do Estado do Haiti, foi incapaz de fazer a transição da burguesia proprietária herdada do sistema escravista para a comerciante burguesia e ainda menos a burguesia industrial ou a industrialização. Em vez disso, ela preferiu o conforto de uma burguesia de Estado derivando de seus altos cargos de renda da administração pública (presidentes, senadores, deputados, ministros, diplomatas e oficiais militares seniores).

Em certas medidas, o romance, *Donos do Orvalho*, encarna a estrutura social do Haiti no século XX, demonstrando a cisão entre cidadão e paysan. Primeiro é necessário ressaltar que todos os personagens da narrativa são do campo, praticavam uma agricultura de sobrevivência e de comércio informal: “aos sábados, Delira

carregava o carvão nos jumentos e ia à vila; votava ao cair da noite, com algumas miseráveis provisões e umas poucas moedas’⁴⁹. Em outras palavras, a narrativa expõe personagens em desemprego disfarçado. A configuração social identidade dos personagens permite-nos entender o atraso do Haiti diante dos países da região. Para levar em conta as diferenças que existiam entre a estrutura social do outro lugar, particularmente, a do Cuba e do Haiti é importante seguir os diferentes discursos do Manuel. Pois, os seus discursos apresentam aspectos tanto sobre o sistema agrícola cubano quanto sobre o funcionamento do capitalismo. Enquanto no Cuba havia um sistema agrícola baseada no trabalho assalariado, no Haiti havia um sistema baseado mais numa agricultura de subsistência tal que continua até hoje. Os trechos a seguir permitem-nos discorrer melhor sobre a identidade dos personagens:

Os desgraçados trabalham ao sol e os ricos gozam à sombra; uns plantam outros colhem. Na verdade, nós do povo, somos como a panela em que se faz toda a comida, ela suporta a dor de ficar sobre o fogo. Mas quando a comida está pronta, a gente diz para a panela: tu não vens a mesa, porque sujaras a tolha⁵⁰

Do outro lado, referindo-se às suas experiências do Cuba, o herói lembra-se:

Em principio a Cuba, a gente estava à toa. Sem defesa, em resistência. Estávamos espalhados como grão de areia e os padrões pisavam em cima dessa areia. Mas, quando vimos que todos éramos iguais, nos unimos para a greve. A greve é um NÃO de mil vozes todas juntas e se abate sobre a mesa do patrão, como uma rocha pesada. Não, é não. Nada de trabalho, não se corta nem uma folha de cana, se não pagares o valor do trabalho da gente. E o patrão chama a policia, e diz pau nesses bandidos. Nós não somos bandidos, somos trabalhadores, proletários. Isso porque o patrão e a policia são uma cambada que se unem como a pele e a camisa.⁵¹

Com base nessas passagens é possível pensar que os trabalhadores no Cuba durante o século XX, a pesar de que eles trabalhassem muito, eles não tivessem nenhuma recompensa – mais eles trabalhassem mais pobres eles ficassem; ou seja, mais eles trabalhassem mais desdém eles fossem objetos. Também essas passagens são usadas pelo herói para demonstrar aos habitantes como é necessário unirem-se para enfrentar a miséria, o antivalor, a injustiça social. Quer dizer, o herói deixa entender que se os camponeses não precisavam juntar para lutar contra um patrão, eles precisaram se juntar para lutar contra a miséria. Roumain apresenta através do Donos do Orvalho a imagem do camponês haitiano durante o século XX, tal imagem que permaneceu até hoje. E, em

⁴⁹ Donos do Orvalho, p.77.

⁵⁰ Donos do Orvalho, p.147.

⁵¹ Donos do Orvalho, p.99.

certas medidas, dado que *Donos do Orvalho* foi escrito na primeira metade do século XX e que o êxodo rural no país começou a partir da década setenta⁵², nos perguntamos até que ponto a situação dos camponeses haitianos de hoje não é mais vulneráveis do que apareceu no romance. Visto que em 1940 a cobertura florestal do país foi estimada a trinta por cento (30%) e de 1940 a 2002 a cobertura florestal no país passou a um por cento (1%) (DAMUS, 2013).

O romance apresenta Gervilien como o principal vilão. Nele expressa o sentimento de ódio, da vingança. Além dele, há o chefe da polícia rural, que é um corrupto, um egoísta. Oposto ao projeto no início, após a morte do herói ele se lamentou por não derrubar o projeto através do qual podia pedir o magistrado comunal para botar imposto nessa água, faria a branca e deixaria uma parte minha de lado⁵³.

Enfim, os personagens femininos desempenham papéis importantes ao decorrer do enredo. É sabido que ao longo de boa parte da história da humanidade, mulheres e homens desempenhavam papéis diferentes na estrutura social. Enquanto na época, no Haiti, as mulheres não tiveram direito de votar, Roumain dá uma importância particular à figura feminina na narrativa. Cabe considerar o trecho a seguir:

Mulher é mais difícil, e não digo que não, mas também é mais viva e age com coração; e às vezes, o coração e a cabeça são uma coisa só [...]. Se as mulheres se convencessem sobre a necessidade de trazer a água na comunidade, os homens não vão ter mais sossego. Os mais duros vão se cansar de ouvirem as mulheres reclamar todo o santo dia, sem falar da noite: água, água, água⁵⁴. As mulheres as mais raivosas: estavam verdadeiramente descontroladas. É que eram as primeiras a saber que nada havia para cozinhar, que as crianças choram de fome⁵⁵.

Com base nesse trecho, é perceptível a atenção particular que Roumain dá a figura feminina na sua obra. Viabiliza como é importante a consciência das mulheres num projeto social. Também reconhece que se trata de uma tarefa difícil, é por este motivo Manuel responsabilizou Annaíse para ir conversar com as mulheres. Para ele, é mais fácil elas ficarem ouvindo uma pessoa do mesmo gênero do que o contrário. Além disso, há uma quase ausência da figura paternal, Bien-aimée, pai do herói, e uma presença significativa de Delira e Annaíse respectivamente mãe e mulher do herói. Aliás, mesmo

⁵² Observam-se no período de 1971-1996, os espaços rurais do Haiti sofreram um processo de êxodo rural muito acentuado: a cada ano, mais 35.000 camponeses deixaram o campo para migrar para os vários centros urbanos do país. Eles são em grande parte jovens que não possuem terras para cultivar. Essa situação provoca a degradação da condição da vida urbana em razão da falta de infraestrutura, e provoca também uma situação da pobreza no país, que perdura desde 1976 (LUNDAHL, 1992).

⁵³ *Donos do Orvalho*, p.222.

⁵⁴ *Donos do Orvalho*. P.100-101.

⁵⁵ *Donos do Orvalho*. P.85

no luto do herói, não notou uma presença significativa do pai, foram Delira e Annaíse que se tornavam protagonista até o desfecho do romance. Um desfecho, que ao mesmo tempo, infeliz e feliz: infeliz por causa da morte do herói, e feliz por causa de que após o enterro do herói os habitantes através do combite (mutirão) trouxeram a água na cidade, e outra vida renasce na cidade.

Os procedimentos e a imagística utilizados pelo autor de *Donos do Orvalho* iluminam o valor estético e o valor do seu engajamento político. De acordo com Maxilien (2008), doravante, os personagens pobres fazem objeto de encenação por parte do narrador onde o foco narrativo é equivalente à encenação teatral ou cinematográfica. Trata-se de renascer os pobres através de aspectos estéticos da obra. De objeto de desdém os personagens da narrativa tornaram-se sujeitos conscientes, sujeitos de admirações. Aliás, o herói imortal da narrativa era analfabeto – ele que não sabia nem ler nem escrever, mas foi ele, com sua experiência que conseguiu mudar a situação de miséria em que vivia o povo.

5. *Donos do orvalho*: um projeto social de sempre

Ninguém deve esmorecer, enquanto tiver braços e vontade de lutar contra a miséria (*Donos do Orvalho*, p.97).

A leitura atualizante do romance *Donos do Orvalho* de Jacques Roumain apresenta uma dupla relevância para o Haiti pós-terremoto. De um lado, ela pode servir de base para uma tomada de consciência por parte do povo, que não se mostra ter nenhum compromisso com o meio ambiente. Aos políticos, ela pode incentivá-los a pensar e construir programas de desenvolvimento social que envolve ao mesmo tempo a agricultura, o ambiente e a educação da população rural. Com efeito, precisamos no Haiti um líder que se põe à altura de Manuel, herói do romance, que imaginara e executara programas de desenvolvimento social, de proteção do meio ambiente. Este líder da mesma forma do herói Manuel deveria levar em conta as identidades distintas, os interesses distintos de todos os haitianos. Em segundo lugar, a leitura atualizante desse romance pode servir como fio condutor para formar sujeito responsável diante do meio ambiente, consciente e autônomo.

A ideologia marxista e a preocupação que animam este romance apelam a todos os leitores (HOFFMAN, 1995). A lição proposta pelo autor da obra: deve inculcar conhecimentos abstratos racionais aos haitianos pode parece difícil a explorar na obra e

a análise do problema rural pode aparecer mais fácil. De qualquer maneira, é preciso inculcar conhecimentos abstratos racionais tanto ao povo quanto às elites político-econômicas haitianas. Pois, o Haiti é rico demais para ser um país onde encontram pessoas que vivam em baixa da linha de pobreza⁵⁶. Em outras palavras, por ter muitas potencialidades, muitos recursos naturais que até hoje não são explorados, o Haiti é um país rico habitado por um povo pobre. Um povo pobre num país rico. Desta maneira, a literatura e os estudos literários podem trazer enormes contribuições no quadro de um projeto que visa formar sujeitos responsáveis para enfrentar a natureza, construir um mundo em que pode viver melhor. Analisando o romance *Donos do Orvalho*, Fumagalli (1969, p.61) destaca:

a narrativa incentiva os homens diretamente. Trata-se de uma maneira de incentivar nosso mente, de refletir como faz o teatro moderno de Brecht, Pirandello e Becket. O leitor ou espectador não podem mais ficar adormecidos na sua cadeira, abalados por uma ação que eles limitem a absorver passivamente. A participação do leitor torna necessária para que a obra tenha um sentido ou um efeito completo.

Tendo em vista essa passagem, e a afirmação de Hoffman segundo a qual o romance haitiano – com rara exceção – é engajado na luta para reformar aspectos da vida nacional, podemos dizer que as produções literárias haitianas se revelam importantíssimas para remediar a situação pós-terremoto.

Em pleno século XXI é inconcebível encontra-se povos tão dependente da providencia para ter um futuro melhor, fica esperando chuva para plantar enquanto ao lado dele o rio que desamarra no mar. É necessário formar-se de cidadão autônomo, consciente capaz de tomar seu destino em sua conta. Nessa ordem, praticamos os estudos literários se nos queremos desenvolver nossa potência interpretativa: ler, interpretar mais, para ganhar mais autonomia.

⁵⁶ Uma pesquisa realizada pela CNSA (2011) mostra que, entre 2005 e 2010 mais de 56% da população haitiana vive abaixo da linha de pobreza absoluta, com menos US\$ 1,00 por pessoa, por dia. Em grande medida, isso é consequência das relações de produção e de propriedade, tanto no campo, quanto na cidade.

À guisa de conclusão: Uma urgente necessidade de democratizar a cultura literária no Haiti.

Viemos apresentar e discutir, ao longo deste trabalho, as relevâncias das produções literárias ou artísticas na estrutura social. Com base nos autores Candido, Citton, Compagnon, Hoffman, Price-Mars percebe-se que as produções literárias ou artísticas apresentam processos históricos e sociais; quer dizer, as obras literárias não podem ser entendidas como apenas a arte pela arte: elas estabelecem relação entre o conteúdo e a consciência coletiva, ou seja, tentam estabelecer como os homens deveriam pensar e se comportar no dia a dia. Discorrendo a literatura haitiana, apresentamos e discutimos na primeira parte desta pesquisa características e papel da das produções literárias desde a independência do país em 1804 até 1961, que marcou o fim do Indigenismo haitiano. Durante todo esse tempo a literatura haitiana é configurada como uma literatura de requisitória, com a principal preocupação: construir uma consciência nocional.

Em seguida, na segunda parte dessa pesquisa, através de um estudo comparativo, discutimos a importância do romance *Donos do Orvalho* de Jacque Roumain para o Haiti pós-terremoto. Em consequência, demonstramos pela análise da obra que após a catástrofe de 12 de janeiro de 2010, que reduziu em escombros enormes infraestruturas do país, não basta pensar apenas em (re)construir infraestruturas (prédios, residências, edifícios públicos e educacionais), mas, é, sobretudo, pensar em (re)construir o haitiano traumatizado pela catástrofe. Isto é, construir sujeitos autônomos capazes de tomar seu destino em sua conta. A nosso ver, a literatura, a cultura da leitura é um dos elementos centrais que pode orientar o país para o caminho de progresso. Imaginamos que todos os haitianos tivessem acesso à literatura, tivessem lido, por exemplo, o romance *Donos do Orvalho*, e fossem capazes de entender a lição do livro, o Haiti não enfrentaria esta situação, onde a maioria da população inclusive os dirigentes não têm nenhum compromisso ao meio ambiente (massacram árvores, deixam construir casas em qualquer lugar), sem saber que sua vida está diretamente ligada ao meio ambiente.

Dessa forma, hoje, o Haiti necessita um herói, um intelectual-dirigente político, que se põe à altura do Manuel, herói do romance, para sensibilizar, inculcar ao povo haitiano – inclusive as elites político-econômicas do país – conhecimentos abstratos racionais que lhes permitiram transformar a sua condição de existência. *Donos do Orvalho* é um romance que vai além de uma simples obra literária, ele deve ser

entendido como um projeto nacional, um projeto de proteção do meio ambiente, o qual, no Haiti, está numa situação de decadência. Ou seja, – como disse o próprio protagonista da narrativa – eles não sabem que a vida é um eterno retorno revolta e que as consequências das suas ações teriam impacto negativo sobre sua vida.

O narrador apresenta o herói da narrativa como um intelectual-dirigente político que coloca o homem no centro das suas ações, e ao mesmo um intelectual-dirigente político que tem características de pesquisador na medida em que uma vez identificou o problema, ele elaborou sua metodologia e seu plano de execução antes de se pôr ao trabalho. É esse herói intelectual-dirigente político que o Haiti atual precisa, que deve ser, ao mesmo, um homem de discursos e de ações.

Os estudos literários se tornam, portanto, importantes; e, como sustenta Citton (2007), de um lado, eles ajudam-nos a tomar posição em face às situações presentes, e, de outro lado, levam-nos a compreender a complexidade do mundo e dos seres. Sendo assim, não é pouco o mérito do crítico Antonio Candido ao colocar que as produções literárias de todos os tipos e todos os níveis satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através da incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo.

Ciente do papel que as produções literárias e os estudos literários jogam na construção do intelectualismo, da personalidade, de sujeitos autônomos, nós acreditamos urgente incentivar os jovens haitianos à cultura da leitura. Não baste dizer que a literatura e a arte são inúteis, mas é, antes de tudo, democratizar, facilitar seu acesso a tudo mundo. Para serem cientes de como a literatura, os estudos literários, a arte favorecem e enriquecem os processos da autonomia individual trata-se de uma imperativa de financiar os estudos literários, de democratizar o acesso à cultura literária e artística. Como diz Antonio, no seu texto *O Direito à Literatura*, a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face às situações presentes, e a compreender a complexidade do mundo e dos seres. Ela desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

É dentro dessa lógica, que podemos entender Citton (2007, p.303) ao salientar que a cultura literária produz o tipo de espírito mais adaptado às condições de produção de riquezas próprios, à idade do capitalismo cognitivo, dando aos sujeitos individuais a ocasião de desenvolver um tipo de cartografia cognitiva que os ajuda a conectar-se e a posicionar-se na esfera da estrutura social que se torna cada vez mais complexa

(CITTON, 2007, p.303). Partilharmos com Citton que os estudos literários permite entender melhor os modelos de individualizações e de socializações que regulamentam nosso futuro, e se nos queremos permitir a nos formação social de produzir sujeitos capazes de refletir.

Por fim, dependendo da maneira que nós relacionamos aos livros – dependendo da maneira que se concebe a literatura – as produções literárias e artísticas, os estudos literários podem relevar-se ferramenta incontestável tanto para o desenvolvimento individual quanto para o desenvolvimento social. Pois no mundo atual, onde o nosso modo de vida se torna cada vez complexo, a cultura literária, a cultura da leitura cumpre papéis importantes na capacidade de elaborar sentido. A nosso ver a literatura é, como defendeu Compagnon (2007. P.55), um exercício de pensamento, uma experimentação dos possíveis. Embora haja outras formas de representação (filme, música) que pretendem rivalizar com e a ou as produções literárias (romance, poesia ou teatro) em seus poderes, a literatura é mais atenta que a imagem, e mais eficaz que o documentário, e isso é suficiente, escreveu o autor, para garantir seu valor perene: ela é a vida.

Enfim, o romance, *Donos do Orvalho*, opõe duas visões de mundo: a fé na Providencia e a fé no Homem. Enquanto, decorrem da primeira submissão, impotência, ignorância, miséria, esperança de um futuro melhor, da segunda decorrem o *savoir-faire*, a inteligência, o conhecimento abstrato racional para transformar sua condição de existência. É justamente essa segunda visão do mundo exposta pela narrativa que o Haiti pós-terremoto necessita. Pois, como ressaltou o herói: na terra é uma luta dia a dia, um trabalho sem descanso; lavrar, plantar, limpar, regradar até a colheita; e para isso precisa-se de conhecimento abstrato racional. Nessa linha, a cultura literária se torna importante e necessária, pois ela é capaz de aguçar nosso reflexo intelectual. É através dela que podemos explorar nosso poder imaginativo, criativo e interpretativo.

Referências Bibliográficas

ARNOLD JEAN, Eddy. **Le Dix-Neuvième Siècle Haitien**. Tome.1. Port-au-Prince: Editions Haiti Demain, 2013.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 2. ed. São Paulo, SP: UNESP: Hucitec, 1990.

BELLEGARDE, Dantès. **La Resistance Haitienne: l'occupation Américaine d'Haiti**. Port-au-Prince: Farin, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria literária**. 8. ed. São Paulo, SP: T. A. Queiroz, 2002.

_____. **Recortes**. 3. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004a.

_____. Direito à literatura In: CANDIDO, Antonio (org.). **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo, SP; Rio de Janeiro, RJ: Duas Cidades: Ouro sobre Azul, 2004b, p 235-263.

CASTAGNINO, Raúl Héctor. **Análise literária: introdução metodológica a uma estilística integral**. Trad. CARUSO, Luiz Aparecido. São Paulo, SP: Mestre Jou, 1968.

CITTON, Ives. **Lire, Interpreter, Actualiser: Pourquoi les études littéraire?** Paris: Ed. Amsterdam, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes B. Mourão & Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte Ed. UFMG, 2012.

_____. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORVENIN, Robert. **Haiti. Que sais-je?** Paris: PUF, 1982.

COUTINHO, Afrânio (Coaut. de). **Caminhos do pensamento crítico**. Rio de Janeiro, RJ: Pallas, 1980.

DALBERTO, Germana. A história em confronto: reinserido o Haiti na modernidade. In: Desafios aos Estudos pós-coloniais: As Epistemologias Sul-Sul. MENESES, M. Paula, VASILE, Iolanda (Orgs). **Debates / Cescontexto**, No. 05 Maio 2014, pp.179-210.

DAMUS, Brillant. **Rapports entre l'Homme et l'environnement dans le récit de Jacques Roumain : « Gouverneurs de la rosée »**, Études caribéennes, mis en ligne le 20 décembre 2013. Disponível em: URL: <http://etudescaribeennes.revues.org/6338>; DOI : 10.4000/etudescaribeennes.6338. Disponível em: <http://etudescaribeennes.revues.org/6338>. Acessado em 23/06/2015.

DURÃO, Fabio Akcelrud. Sobre a atualidade dos estudos literários hoje. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, no. 2, p.1-10 2004.

FARDIN, Dieudonné. **Histoire de la Littérature Haitienne**, tom.5, Epanouissement Du mouvement Indigenisme Haitien. Tom.5. Port-au-Prince: Fardin, 2009.

FUMAGALLI, L. Gabriella, (1978). **L'amour et la Violence dans l'oeuvre de Jacques Roumain**. (Doctoral dissertation) – UNIVERSITY OF BRITISH COLUMBIA).

GAILLARD, Roger. « L'indigénisme haïtien et ses avatars. L'école indigéniste : place dans l'histoire et la littérature haïtienne », **Conjonction**, No. 197, janvier-mars, p. 9-26, 1993.

GOLDMANN, Lucien. et al. **Sociologia da Literatura**. Trad. Franco de Sousa. Brasil: Mandacaru, Vila Olímpia, 1989.

_____. **A Sociologia do Romance**. Trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOURAIGE, Ghislain. **Histoire de la littérature haïtienne: de l'in-dépendance à nos jours**. Port-au-Prince: Ed. N. A. Théodore, 1960.

HOFFMAN, Léon-François. **Histoire littéraire de la Francophonie: Littérature d'Haiti**. Collection Universités francophones, EDICEF/AUPELP, 1995.

HURBON, Laennec. Le culte Du vaudou: histoire, pensée, vie. 1975. In. CASALIS, Georges. et al. **Croyants hors-frontières: Hier-Demain**. Paris: Éditions Buchet/Chastel, Collection: Deux milliards de croyants, 197, pp. 225-249.

JEAN, A. Eddy. **Littérature Haitienne: Le Dix-Neuvième Siècle Haitien**. Tom.1. Port-au-Prince: Haiti-Demain, 2013.

JAMES, C. L. R. (Cyril Lionel Robert). **Os jacobinos negros: Toussaint Louverture e a Revolução de São Domingos**. Tradução Afonso Teixeira Filho. São Paulo, SP: Boitempo, 2000.

LAROCHE, Maximilien. Penser avec Jacques Roumain Aujourd'hui: Reflexion autour du célèbre roman Gouverneur de la rosée. **Africultures**, 2008. Disponible em: <http://www.africultures.com/php/?nav=article&no=7206>. Acessado 03/07/2015.

LUKÁCS, György. **A teoria do romance**. Lisboa: Editorial Presença, [196-?].

MANIGAT, Leslie. **Une date littéraire, un événement pédagogique**. Port-au-Prince: La Phalange, 1962.

MEZILAS, Glodel. ¿Qué es elindigenismo haitiano? **Cuadernos Americanos**, núm. 126 (2008), pp.29-52. Versão online. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/cuadamer/textos/ca126-29.pdf>. Consultado em: 20/07/2015.

MICIAL, M. Nérestant. **Religion et Politique en Haiti (1804-1990)**. Paris: Édition Karthala, 1994.

MINISTERE DE LA SANTE PUBLIQUE ET DE LA POPULATION Rapport
Staistique 2014. Port-au-Prince, 2014.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: introdução a problemática da literatura. 2 .ed.
São Paulo, SP: Melhoramentos, 1968.

PRICE-MARS, Jean. **Ainsi Parla l’Oncle**: Essais d’Ethnographie. New-York:
Parapsycology foundation, Inc., 1928.

_____. **De Saint-Domingue à Haiti**: Essai sur la Culture, les Arts et la Littérature.
Saguenay Province de Québec-Canada: Édition numérique 2010. Disponível em:
http://classiques.uqac.ca/classiques/price_mars_jean/de_saint_domaingue_a_haiti/de_saint_domaingue_a_haiti.pdf. Consultado em 20/07/2015.

RABATE, Dominique. **Le roman et le sens de la vie**. [Paris]: J. Corti, 2010

RAÚL H. Castagnino. **Análise literária**: introdução metodológica a uma estilística
integral. Trad. CARUSO, Luiz Aparecido. São Paulo, SP: Mestre Jou, 1968

ROUMAIN, Jacques. **Donos do orvalho**. Trad. Emmo Duarte. Rio de Janeiro: Vitória,
1954.

SEGUY, Franck. **A catástrofe de Janeiro de 2010, a “internacionalização
comunitária” e recolonização do Haiti**. 2014, 399f. Tese (Doutorado em Sociologia) -
Instituto da Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas,
Campinas: 2014.

SEMEDO, José Arlindo Fernandes. **L’Homme et la Nature dans Gouverneurs de la
Rosée de Jacques Roumain**. 2005, 60f. Disertação (Mestrado em Letras)

YVES CRIBB, André. **Politique des prix agricoles et sécurité alimentaire en Haiti
(1971-1986)**. Port-au-Prince : Éditions Aryetos, 1997.